BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE — JORNAIS —

A Cabra

Jornal Universitário de Coimbra

22 de Outubro de 1996
Nº 26
Mensal
100$00
Director: João L. Queirós
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra
Rua Pe. António Vieira, nº 1
3000 Coimbra
Telefone: (039) 38934
Fax: (039) 23505

Zita Henriques ataca Ministro na Abertura das Aulas

Guerra Aberta?

pág. 3



Finalmente Estatutos

Ao fim de três anos de discussão, polémica e fraudes, saiu fumo branco da Assembleia de Revisão. A AAC tem novos Estatutos.

pág. 6

BSE ataca Universitários

A nova Lei de Bases do Sistema Educativo põe em causa direitos ad-quiridos de estu-dantes universitá-rios. Com os poli-técnicos do outro lado da barricada, a luta promete aquecer.

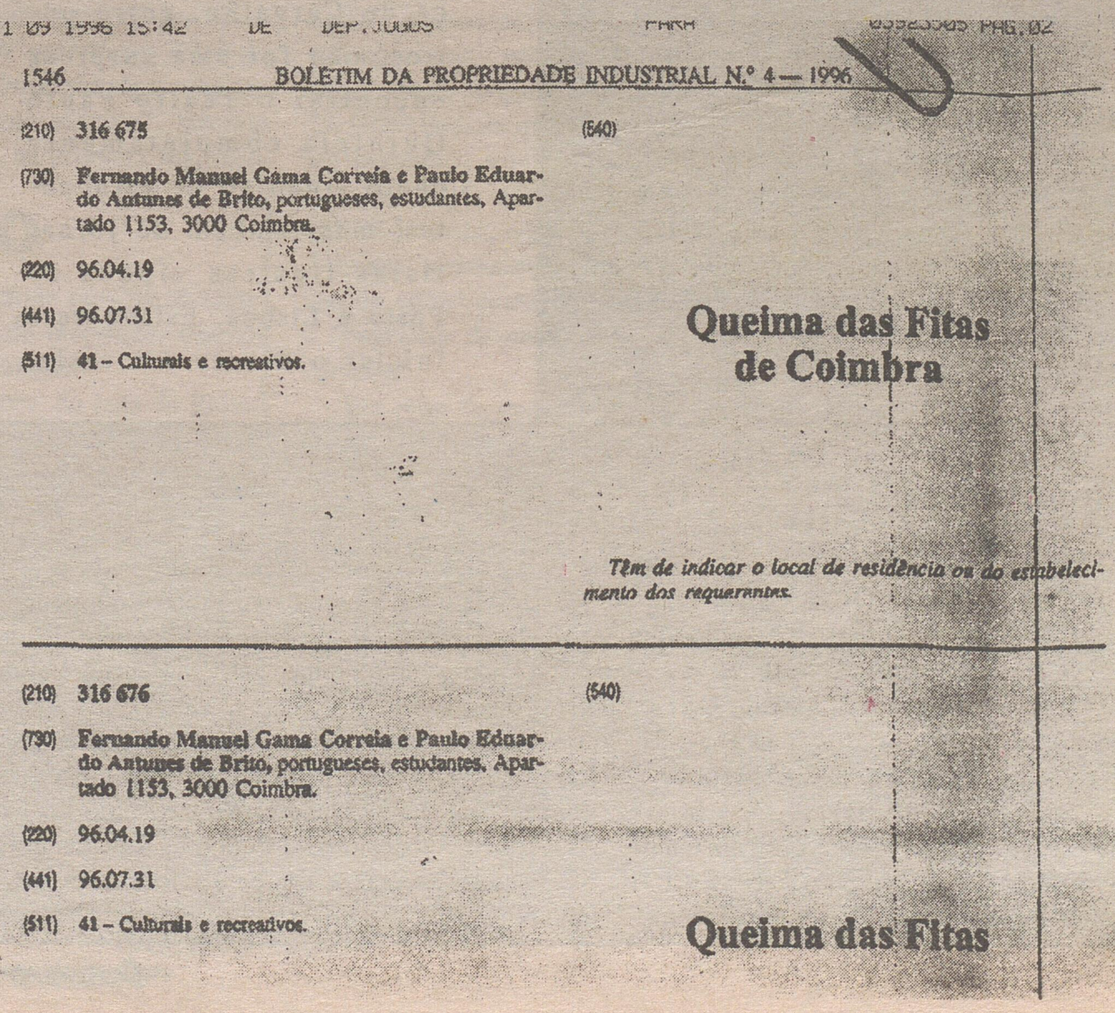
pág. 4

Queima Connection

O Dux Veteranorum e o Secretário-geral da Queima das Fitas requereram o registo da propriedade dos nomes "Queima das Fitas" e "Queima das Fitas de Coimbra" em nome individual. Trata-se de um procedimento legal que os torna detentores de todos os direitos sobre essas "marcas". A Direcção-Geral da AAC não gostou e recorreu aos tribunais.

A polémica segue dentro de momentos...

pág. 5



11 09 1996 15:42 DE DEP. JUDUS PARA 0352300S PAG. 02

1546 BOLETIM DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL N.º 4 — 1996

(210) 316 675 (540)

(730) Fernando Manuel Gama Correia e Paulo Eduardo Antunes de Brito, portugueses, estudantes, Apartado 1153, 3000 Coimbra.

(220) 96.04.19

(441) 96.07.31

(511) 41 – Culturais e recreativos.

Queima das Fitas de Coimbra

Têm de indicar o local de residência ou do estabelecimento dos requerentes.

(210) 316 676 (540)

(730) Fernando Manuel Gama Correia e Paulo Eduardo Antunes de Brito, portugueses, estudantes, Apartado 1153, 3000 Coimbra.

(220) 96.04.19

(441) 96.07.31

(511) 41 – Culturais e recreativos.

Queima das Fitas

Editorial

A Incoerência de Quem não tem Força

Foram quatro anos a boicotar o pagamento de propinas. E dizia–se, durante esses quatro anos, que quem pagava fazia-o devido a coação ou por traição dos pais. Defendia–se, sobretudo, que o dinheiro continuava a pertencer a quem pagava e não ao Estado. Foi com esse argumento, aliás, que as anteriores Direcções–Gerais da AAC conseguiram que a Reitoria não gastasse um tostão daquilo que apelidavam de "dinheiro sujo", sendo que em três anos se acumularam quase um milhão de contos.

E em 96, de repente, esta Direcção–Geral decide promover um referendo para decidir onde gastar esse "dinheiro sujo" (ver página 7). Ou seja, o dinheiro já não pertence aos estudantes e a Universidade pode gastá–lo a seu bel–prazer. Uma mudança política radical que fere gravemente qualquer luta anti–propinas futura. Mas o que é que aconteceu? A orientação política da DG mudou? Esta DG é a favor das propinas? Não, esta DG é a descendente directa daquelas que fizeram a luta contra o governo PSD e continua a ser da opinião que aquele milhão de contos foi cobrado ao abrigo de leis injustas e que esse dinheiro continua a pertencer aos estudantes. Então por que não luta pela devolução do dinheiro aos seus pagantes? A resposta é óbvia e preocupante: esta DG é demasiado fraca para mobilizar os estudantes numa guerra contra quem quer que seja. Esta DG foi eleita por menos de um terço dos eleitores que as DG's de António Vigário.

Mas se é esta DG é demasiado fraca para manter as suas posições em relação à não utilização do "dinheiro sujo", então pelo menos podia mostrar–se coerente nas questões onde não necessita de ser forte: Como é que é possível manter que o dinheiro pertence apenas a quem o pagou e pôr todos os estudantes a decidir o seu futuro? Partindo do princípio que Zita Henriques não pagou propinas, no momento em que ela puser uma cruz no seu boletim de voto do seu desejado referendo estará a decidir sobre o futuro de dinheiro alheio. Não teria sido politicamente insensato dar direito de voto apenas àqueles que pagaram propinas. Pelo menos, mantinha–se um mínimo de coerência...

Mas a desorientação da DG não se fica por aqui. Vamos ser sinceros: Não é verdade que todos os que pagaram o fizeram por medo das represálias ou por que os pais os obrigaram. Também houve quem pagasse porque concordava com a lei, concordava que devia ajudar a financiar a Acção Social Escolar. E agora a DG defende que no seu muito democrático referendo não deve figurar a hipótese do dinheiro ir para a ASE! Vejamos pois a posição de quem concordava com a lei: Pagou de boa–fé e queria que o seu dinheiro fosse para a ASE, mas a Universidade de Coimbra acha que está acima da lei e quer gastar o dinheiro dele noutras coisas. E agora vem a DG pôr outros a decidir sobre o destino do seu dinheiro e nem lhe dá a hipótese de, no referendo, votar naquilo que, desde a partida, ele queria que o dinheiro fosse gasto. Se fosse eu, sentia–me enganado e gozado...

JLQ

Os Realejo

Merecem uma palavra especial. Por ora podemos dizer que são da Academia, mas não demorará a que se tornem num grupo nacional. Todos os cinco membros dos Realejo são bons executantes, mas não é injusto destacar dois deles: Um porque é a alma da banda, foi ele quem construiu o realejo (ou será uma sanfona?) que dá o nome ao grupo. Outro porque toca variadíssimos instrumentos, desde gaita–de–foles a diferentes guitarras. Os Realejo fazem o que muitos grupos fazem: transformam música popular dos quatro cantos e tempos de Portugal em música instrumental. Mas o que lhes dá o toque especial é o som ao mesmo tempo incómodo e belo da sanfona. Nota–se que é um instrumento de cegos. Se fecharmos os olhos, aquela música transporta–nos para as mais belas planícies verdejantes do Norte de Portugal ou mesmo para a Irlanda. Mais do que uma música que se ouve, chega a ser uma música que se sente.

Parabéns ao GEFAC

Eram eles que faziam trinta anos. Mas presentearam o público com um belíssimo espectáculo musical, que nos lembrava as nossas raízes, o povo fantástico do qual fazemos parte. Mas o que é verdadeiramente especial é que é um grupo amador, feito por estudantes. Obrigado, GEFAC, por nos lembrarem o que é a Academia e a sua importância.

Fado Molhado

Na passada terça-feira realizou-se no jardim da A.A.C. a Festa da Cerveja. Organizada pela Secção de Fado teria sido um grande sucesso não fora a inoportuna presença da chuva. Mas mesmo com este indesejável visitante juntaram-se no jardim umas boas centenas de pessoas que contra a chuva tentaram e conseguiram divertir-se. Brevemente a Secção de Fado realizará um convívio, provavelmente na Cave das Químicas, de maneira a compensar algumas espectativas defraudadas. Como nota final, o excelente tratamento dado aos jornalistas d´"A Cabra" que foram destacados para cobrir o evento. Aproveitamos também esta oportunidade para corrigir um erro referido no artigo "Reportér X no ENEF" onde se presumia que o Tózinho era de etnia alentejana, o que viemos a descobrir ser falso. Tózinho é, na verdade, nado e criado em Castelo Branco. Pelo incómodo causado aos visados (Alentejanos e Tózinho) pedimos as nossas mais sinceras desculpas.

Narcisistas

É espantoso como Coimbra se mostra provinciana e bacoca até nos momentos em que tenta não o ser! Numa de "nós estamos ligados ao mundo moderno" um Instituto da Faculdade de Direito decidiu organizar um louvável debate sobre Comunicação e Poder. Com este tema e oradores como Pacheco Pereira ou Proença de Carvalho, entre outros, não foi uma surpresa encontrar o Teatro Paulo Quintela completamente cheio - não só de estudantes, mas também de jornalistas ilustres vindos de Porto e Lisboa. Estava–se a iniciar o debate e a assistência reparou que não estava nenhum dos oradores em palco. Estavam o Reitor, os presidentes dos vários Orgãos da FDUC e o responsável do Instituto. Durante uma hora e meia, estes senhores estiveram a congratular–se a si próprios pela iniciativa e cada um ia dando os parabéns e os agradecimentos aos outros pela ideia. Uma hora e meia! O público de fora de Coimbra não queria acreditar! Mas depois lá fizeram o favor de deixar os oradores subir ao palco para o debate previsto que, é claro, só pode acabar depois das nove da noite...

Ficha Técnica

Director: João L. Queirós; **Editores:** Ana Drago, André Correia, Ricardo Rocha Diniz; **Redacção:** Alexandre Cartaxo, António Silva, António Lérias, Carlos Loureiro, César Marques, César Páris, Filipa Rodrigues, Justino Strecht, Manuel Pereira, Maria Luís Marinho, Nádia Esteves, Paulo Antunes, Paulo Barbosa, Paulo Granja, Rosário Salvado, Rui Justiniano Ferreira, Tiago Maranhão. **Colaboradores:** Carlos Picassinos, Francisco Leong, Nuno Freitas, Patrick Mendes. **Fotografia:** José Luís Artur, Ricardo Rocha Diniz, Tiago Maranhão. **Grafismo:** Carlos Loureiro, João L. Queirós, Nuno Curado, Paulo Antunes, Ricardo Matos. **Revisão:** André Correia, João L. Queirós, Nádia Esteves, Rosário Salvado. **Impressão:** Coraze, SA **Tiragem**: 2000 exemplares. **Publicidade:** Nádia Esteves, Tiago Maranhão. **Administração:** Direcção da Secção de Jornalismo da AAC. **Presidente:** João Luís Queirós. **Tesoureiro:** Tiago Maranhão. **Secretaria:** Nádia Esteves. **Vogais:** Ana Drago, Nuno Curado, Ricardo Rocha Diniz, Rosário Salvado. **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra. **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, DG/AAC, Serviços de Acção Social da UC, Secretaria Geral da UC, Sr. Paulo Novais.

Sede: Rua Padre António Vieira. **Telefone:** (039)38934. **Fax:** (039) 23505

Abertura Solene das Aulas

Sem HeZitar



A Abertura Solene das aulas, realizada no passado dia 16, deu e, provavelmente, dará ainda muito que falar. Depois do tradicional discurso do Reitor, que fez um breve relatório da actividade da Universidade no ano transacto não deixando também de muito subtilmente enviar alguns "recados" aos responsáveis governamentais presentes -o Ministro da Educação e o Secretário de Estado do Ensino Superior-, foi a vez de Zita Henriques partir a loiça.

Numa intervenção de ritmo impressionante, Zita não poupou nenhum dos presentes, dos catedráticos ao Ministro, sem esquecer o Presidente da Câmara Municipal.

A Presidente da AAC dirigiu a sua primeira "investida" contra o Ministro da Educação, Marçal Grilo - a quem, curiosamente, o Reitor havia saudado momentos antes por ser o primeiro Ministro da Educação em muitos anos a estar presente na abertura solene. "*Não posso, pois, deixar de fazer referência à grande expectativa que tínhamos em relação ao Governo, então recentemente eleito. Passado um ano, infelizmente, a tão anunciada paixão pela Educação não parece concretizar–se, pelo menos no que diz respeito ao Ensino Superior*", assim começava a "carga". Acusando Marçal Grilo de apresentar "*diplomas desgarrados, sem se vislumbrar uma visão global e coerente*" e de ter "*votado ao esquecimento*" a discussão global sobre o Ensino Superior, Zita Henriques incidiu as suas críticas sobre as alterações à Lei de Bases do Sistema Educativo a sobre a proposta de lei de financiamento. "*Continua a confundir–se financiamento das Universidades com propinas ou taxas*"; "*Membros do Governo revelam tendência para especular sobre propinas e respectivo montante. O objectivo será o de contribuir para a solução dos problemas ou apenas o de aparecer nos meios de comunicação social?*", foram algumas das setas de Zita lançadas a um alvo ali bem próximo. Fazendo a apologia do Ensino Superior Público, acusou o Governo de o colocar "*no mesmo plano do tabaco, das bebidas alcoólicas ou dos combustíveis*" já que "*propinas mais não são do que um imposto indirecto a suportar pelas famílias*". De passagem, lembrou um documento do Conselho Nacional de Educação, de 1993, altura em era presidido por Marçal Grilo e era seu relator Mariano Gago, em que se defendia a não existência de propinas.

Referindo–se à manutenção da situação de não contemplação dos estabelecimentos anexos da Universidade no Orçamento de Estado, a Presidente da DG aproveitou para passar ao seu segundo alvo - a Câmara Municipal. "*Porque razão não se fazem ouvir em Lisboa os Órgãos de Poder da cidade?*", perguntava. Acusou a Universidade e os Órgãos de Poder da Cidade de estarem "*de costas voltadas*", apesar da intervenção da Universidade ser tão forte "*que até já se tornou natural que associações de moradores reivindiquem à Universidade a construção de uma piscina*". Manuel Machado, na primeira fila, recebia em cheio os "mimos" de Zita.

O corpo docente foi a terceira vítima de uma Zita "imperdoável". Em primeiro lugar, atribuiu–lhe a responsabilidade pela situação actual do Ensino Superior: "*Tradicionalmente, os docentes estavam habituados a preocupar–se apenas com as suas carreiras académicas e os seus trabalhos de investigação.*". Referindo–se à necessidade de repensar uma Universidade forçada a adaptar–se a um ensino de massas, acusou os professores de não terem apresentado nenhum "*documento de reflexão sobre a nossa Universidade*", ao contrário da AAC, que apresentou no Senado, em Julho, um documento intitulado: "A Universidade que temos e a Universidade que queremos". Alertou ainda para a falta de qualidade pedagógica de muitos docentes, aconselhando a elevação da componente pedagógica a "*requisito de progressão na carreira*".

Em jeito de conclusão, Zita apelou a todos para terem a "*audácia de legar à geração vindoura uma Universidade dinâmica, acolhedora e de qualidade*", mostrando que "*esta instituição sete vezes centenária, continua a ser um exemplo para todos os que veêm na livre formação cívica, cultural e científica do cidadão a chave da História e do progresso da Humanidade*".

César Marques

Reacções ao discurso

As reacções ao discurso de Zita Henriques na Abertura Solene das aulas não se fizeram esperar. Em conferência de imprensa realizada na Reitoria, e supostamente destinada ao esclarecimento do Orçamento de Estado para a Educação, o Ministro da Educação, Marçal Grilo, prontamente acusou a Presidente da Académica de ter feito um discurso "*de quem quer fazer carreira política*". Acusou também a intervenção de Zita de ferir "*a lealdade das relações que tenho com as associações de estudantes - uma relação de grande abertura e franqueza*" e de ter sido um discurso de "*crítica fácil*".

Contactada pela Cabra, Zita Henriques limitou–se a dizer que enquanto todas as críticas feitas por si foram devidamente fundamentadas e são facilmente verificáveis, as de Marçal Grilo limitaram–se ao plano do ataque pessoal, evidenciando uma incapacidade de responder convenientemente às questões colocadas.

Quanto às demais reacções, do lado da Reitoria há um discreto apoio às declarações de Zita , tendo o Reitor classificado o seu discurso como "*forte, crítico mas não pessimista*", e revelador de uma "*aposta e grande confiança na Universidade*".

Mais descontraída foi a declaração de Mário Soares, presente na cerimónia por iniciar este ano funções de professor catedrático convidado pela Faculdade de Economia, que, segundo fomos informados pela Presidente da AAC, terá dito que ela era uma "*mulher tesa*" e que "*o que o país precisa é de mulheres tesas*". Ele lá saberá!...

C.M.

Opinião

Ventos de Agitação

O "abanão" que Zita Henriques deu com o seu discurso foi certeiro porque pertinente. A altura escolhida para o fazer foi a mais acertada. A presidente da DG/AAC, a meio de um segundo mandato que, tal como o primeiro, está a ser alvo de críticas de vários quadrantes, precisava, por um lado, de exaltar os ânimos de uma academia ou já cansada ou já esquecida da luta contra as propinas e, por outro, de fazer ver aos responsáveis pela Educação que não se podiam esquecer do diálogo com a Associação Académica de Coimbra.

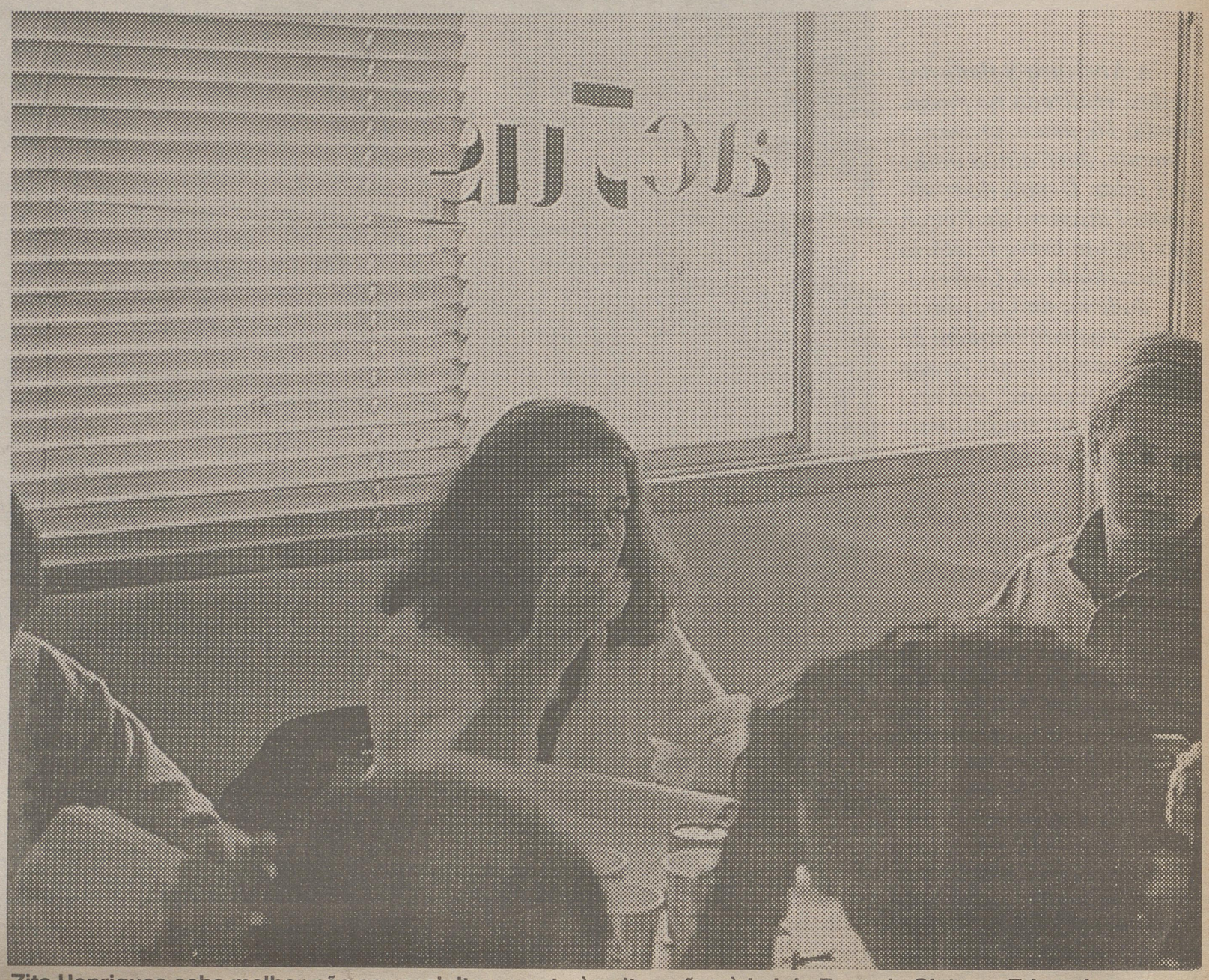
O discurso de Zita, dentro da Academia, veio calar alguns dos que sempre haviam posto em causa a sua independencia, conotando-a com o actual governo e achando-a incapaz de lhe dirigir fortes críticas. Veio ainda, com a polemica e controversia que gerou, "acordar" muitos dos que já dormiam à sombra de uma luta supostamente passada, alertando para a hipótese (que parece cada vez mais provável) de a Academia se ter de confrontar, a curto prazo, com uma nova lei das propinas. Seria muito mau quer para a AAC, quer para os estudantes em geral serem apanhados desprevenidos por uma lei do género das 20/92 e 5/94. Faz parte do papel de Zita Henriques, enquanto presidente da DG, não deixar morrer tão importante assunto. Um pequeno (ou, se calhar, nem tanto) senão: Zita deve falar mais em nome da Academia e evitar os sucessivos "em meu entender" e "na minha opinião"...

No que toca às relações com o Ministério da Educação, a intervenção da Abertura Solene reveste essencialmente a forma de aviso. A táctica do "esperar para ver" não pode durar eternamente e o Ministério já contou com ela por parte da AAC durante tempo suficiente para apresentar resultados. O ME não pode estar à espera que a Academia de Coimbra fique para sempre calada e o discurso de Zita Henriques vem provar isso mesmo. De resto, a reacção de Marçal Grilo, que emprestou muito do destaque à notícia, vem demonstrar que as declarações da Presidente da AAC não eram esperadas ou, pelo menos, não no tom em que foram feitas. A "Pax Rosa" terminou...

César Marques

Nas Teias da Lei

As alterações à Lei de Bases do Sistema Educativo fez estalar a guerra entre Politécnicos e Universidades. Em causa está a possibilidade de os politécnicos possarem a dar licenciaturas e dos alunos das Ese's poderem dar aulas ao 3º ciclo do ensino básico. É o mercado de emprego dos universitários a ser afunilado. A Faculdade de Letras do Porto já saiu à rua, e em Lisboa preparam–se mais manifestações. Por terras de Coimbra, a DG prefere não se precepitar. Mas fica a certeza, a "festa" vai começar.



Zita Henriques acha melhor não se precipitar quanto às alterações à Lei de Base do Sistema Educativo

As alterações à Lei de Bases do Sistema Educativo, que o executivo rosa achou por bem deitar cá para fora, estão a lançar a confusão no Ensino Superior Público. A proposta do Ministério da Educação foi levada à Assembleia da República e passou na votação. Estava instituído um diploma que mexe directamente com três questões vitais para o futuro dos estudantes universitários. Acesso do Ensino Superior, atribuição de graus académicos e formação de docentes para todo o ensino básico. Trocado em miúdos, Marçal Grilo decidiu que cada Instituição é livre de escolher os seus alunos, que os politécnicos podem atribuir licenciaturas e que as Escolas Superiores de Educação passaram a dar formação para professores dos antigos anos do ensino unificado. Três medidas, três questões polémicas. E as duas últimas, quando aplicadas na prática, irão limitar o mercado de emprego dos universitários. Os dirigentes associativos das Universidades públicas não gostaram de não ser consultados. E partem para a luta.

Vamos por partes. Em relação ao acesso ao ensino superior o Ministro quis com esta proposta reforçar a autonomia das instituições, que poderão passar a determinar o perfil de aluno que querem, através da realização das suas próprios exames de admissão. À primeira vista esta seria uma medida positiva, ninguém contesta que a autonomia é uma valor acrescentado para o Ensino Superior. No entanto, a multiplicação de provas de acesso levanta alguns problemas. Os estudantes que se candidatem para o ano terão de efectuar uma série de exames se quiserem concorrer a várias Universidades.

O que irrita solenemente as Associações de Estudantes é que o Governo atira para regulamentação posterior todos os critérios que deverão guiar as instituições nesta selecção de alunos, sem que nada esteja ainda definido. Ou seja, as Académicas não conhecem as intenções da 5 de Outubro, e não estão dispostas a passar um "cheque em branco" a Marçal Grilo. Como afirma Zita Henriques, é errado "aprovar plenamente uma alteração de Lei de Bases, dizendo que há coisas para regulamentação posterior, se não estiver já definido o que é vai ser colocado nesse tipo de regulamentação". Não que a Presidente da AAC esteja "completamente contra", mas há ainda muito a definir. Pacto Educativo, precisa–se.

Mas é nas modificações introduzidas à atribuição de graus académicos que a coisa aquece. Se antigamente, os Politécnicos apenas poderiam atribuir diplomas de cursos superiores especializados, que eram equivalentes ao grau de licenciado, agora a alteração vem acabar com todas as dúvidas. Os politécnicos vão mesmo dar licenciaturas. Ponto final.

Aqui Zita Henriques lança acusações graves:" Mais uma vez aquilo que está em causa para definir uma política de educação não é o verdadeiro interesse do país, mas os interesses eleitoralistas em relação às próximas eleições autárquicas que levaram a que em Viseu e em Bragança começassem a surgir movimentos da constituição de Universidades Públicas". Diz a Presidente que já havia propostas na Assembleia da República "e como tal o Governo teve que actuar para tentar travar isso". E assim nasce uma alteração à Lei de Bases.

As Académicas sempre acusaram a LBSE de ser pouco específica na definição dos Politécnicos no Ensino Superior. Dizem estes senhores que para necessidades diferentes na socidade, é necessário responder com currículos diferentes nas diversas escolas. Ou então estaremos a duplicar estruturas, o que terá incidência directa nos orçamentos gastos pela educação. E que se os alunos do politécnico se sentem "doutores de segunda", é um problema de mentalidades que não pode ser resolvido por decreto–lei. Do outro lado da barricada, os politécnicos respondem que tudo isto não passa de uma reacção corporativista dos estudantes universitários. É que os politécnicos começam a ocupar um espaço visível no mercado de trabalho, espaço esse que os universitários não querem partilhar. Mais: a verdade é que, por exemplo em relação às Engenharias, a Ordem dos Engenheiros não reconheceu até agora todos os cursos das Universidades Públicas, mas já deu o seu aval a muitos cursos do Politécnicos. Cai por terra qualquer argumento contra a qualidade científica dos IP's.

A guerra entre as AE's

Os universitários não perdoam. Os estudantes do politécnico saúdam a decisão do Ministério. Surgem declarações dos dirigentes universitários que acusam o ministro de cometer um erro crasso. As AE's do politécnico respondem em defesa da honra e da qualidade de ensino que têm nas suas escolas. É o estalar de uma guerra anunciada. Agora começam as movimentações no meios estudantis. Os politécnicos vão sair à rua em defesa do Ministério, nas Universidades preparam–se para a luta. E quem sabe se Lisboa não será palco de uma manifestação marcada pelas academias de Lisboa e Porto. No dia19 de Outubro, a capital foi palco de uma reunião de dirigentes das universidades de Lisboa e Porto que preparam uma acção concertada de contestação às modificações da LBSE. A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas prepara uma greve para dia 24 de Outubro. Coimbra não reagiu até agora. A Presidente tenciona apresentar uma proposta de debate. Ao que parece depois da reprimenda de Marçal Grilo, Zita Henriques entende que a prudência é uma virtude.

Todos a dar aulas

Por fim a formação de professores para o 3º ciclo passa a poder ser dada nas Escolas Superiores de Educação. Mais uma vez é o mercado de emprego dos estudantes universitários a correr perigo. Como argumento as Académicas questionam a qualidade científica das ESE's e dizem que para dar aulas ao antigo unificado é preciso passar pelos bancos de uma Universidade. No texto da Alteração à LBSE vem especificado que as ESE's deverão satisfazer determinados "requisitos" para que seja assegurado "o nível científico da formação adquirida". A Alteração oblige. A estas novas obrigações, as Academias devolvem mais uma vez o argumento da duplicação de estruturas. E acrescentam a frustração das expectativas de milhares de estudantes que frequentam os chamados cursos "Ensino de...". São licenciaturas que comportam uma via profissionalizante, em que o Estado é sem dúvida o maior empregador. Mais uma vez, Zita dá conselhos ao executivo socialista. Faça–se um estudo que preveja o efectivo da população escolar daqui a 10 ou 20 anos, de forma a conhecer as necessidades futuras do país. Não se criem expectativas de emprego que nunca poderão ser satisfeitas.

A festa vai começar. Esperam–se novas manifestações para Lisboa, greves nas faculades, correntes a trancar portas. É o fim do estado de graça do Ministro da Educação. E com tantos "lapsos" cometidos pela 5 de Outubro, desde o início da "era rosa", resta uma dúvida. Quanto tempo é que Marçal Grilo se vai aguentar na cadeira?

Ana Drago

Os Donos da Queima

A Queima das Fitas está envolta em polémica. Em causa está o próprio nome. Tudo porque Fernando Gama e Paulo Brito, Dux Veteranorum e Secretário Geral da QF respectivamente, requereram o registo das marcas "Queima das Fitas" e "Queima das Fitas de Coimbra" em seu nome. A Direcção–Geral da AAC descobriu e recorreu aos tribunais, alegando que se trata de uma apropriação abusiva de um nome de uma festa que é dos estudantes. Os visados defendem–se alegando que pretendem apenas salvaguardar esta festa e evocam a Praxe para legitimarem a sua atitude.

É a grande polémica do momento, na mais conhecida festa de estudantes da Universidade de Coimbra. Tudo por causa do direito à utilização do nome "Queima da Fitas". Em causa está o controle dos direitos sobre o referido nome.

A situação parece ter sido despoletada na última Queima da Fitas. Na altura uma cervejeira, preterida no concurso para o patrocínio da festa, promoveu uma série de iniciativas em que fazia alusão à Queima das Fitas, tendo mesmo feito uma campanha publicitária em que o nome também surgia. Na altura a Comissão Central, o órgão que "faz" a festa, terá pedido que se tomassem medidas com vista a salvaguardar situações como essa. Aí o Dux Veteranorum, Fernando Gama, e o secretário–geral da Queima das Fitas, Paulo Brito, decidiram requerer o registo das marcas "Queima das Fitas" e "Queima das Fitas de Coimbra", até porque se trata de um procedimento extremamente simples e rápido.

Quem não gostou mesmo nada foi a Direcção Geral da AAC. Alertada " por um ex–presidente da DG/AAC, que trabalha nestas questões", Zita Henriques procedeu à contestação judicial desse registo alegando tratar–se de uma "tentativa de apropriação abusiva de uma festa que é dos estudantes".

Certo é que este caso vem colocar em cima da mesa um problema antigo que é o do estatuto jurídico da Queima das Fitas. Legalmente a Queima das Fitas não goza de personalidade jurídica, ou seja, não é um sujeito de direito capaz de celebrar contratos enquanto tal ou de assumir quaisquer obrigações. Neste momento, à luz da lei, a responsabilidade das relações jurídicas assumidas no âmbito desta festa são da Direcção Geral. Se, por exemplo, a Comissão Organizadora da Queima não pagar o cachet de um dos grupos que actua no Parque e este recorrer aos tribunais, quem vai responder e assumir todas as responsabilidades pelo sucedido é a Associação Académica de Coimbra, representada pela Direcção Geral. Foi por isso que este ano todos os contratos foram visados pelo advogado da AAC. É por isso também que há muito tempo se procura encontrar uma solução que resolva este imbróglio.

E aí surgem as maiores divergências. Enquanto a actual Direcção Geral defende que a Queima das Fitas tenha um estatuto similar ao das Secções da AAC (em que os sócios seriam os quartanistas das Faculdades, que elegeriam, à semelhança do que se passa com a eleição da Comissão Central da QF, a Direcção), o Conselho de Veteranos defende que se deve criar uma estrutura própria, quer em termos de responsabilização jurídica, quer fiscal, como por exemplo, uma Fundação.



O braço de ferro entre o Dux e a Direção Geral ameaça continuar

"Quem controla"

Neste momento está tudo em suspenso da decisão do recurso. E entrou–se numa verdadeira "guerra" entre a Direcção Geral, por um lado, e o Conselho de Veteranos e o secretariado da QF, por outro.

Zita Henriques acusa o Dux e seus pares de agirem na sombra e de forma pouco transparente. Alega ainda que " o nome Queima das Fitas nunca deveria ser registado em nome individual, mas sim em nome da AAC".

Fernando Gama refuta as acusações de estar a agir de má fé. Para ele a QF é, antes de mais, uma festa de Praxe e, como tal, cabe ao Dux defendê–la (ver entrevista nestas páginas). E vai mais longe. Acusa a actual DG de se furtar ao diálogo e de só contestar o registo porque "vê fugirem–lhe todas as possibilidades que tinha de tornar a Queima das Fitas o principal financiador das suas dívidas".

Fiscalização fantasma

À margem de tudo isto parece estar a Comissão Fiscalizadora da QF. O órgão que deveria "fiscalizar" não reune desde Maio passado. Na altura reuniu para aprovar o orçamento deste ano que, segundo fonte por nós contactada, rondava os duzentos mil contos, e é o próprio Dux que reconhece que deveria já ter reunido há muito tempo.

Certo é que este processo está longe do fim. E a possibilidade de se realizar um referendo à Academia para esta se pronunciar já foi aventada, embora pareça não cair nas boas graças de muita gente. Falaram–nos mesmo de que se trata de uma "fuga para a frente" de um Conselho de veteranos que pretende pôr e dispôr em tudo o que diga respeito à festa dos estudantes. Outros vão mais longe. Falam em clima de suspeição e tratam o Conselho de Veteranos como um "grupo de amigos".

Por agora o braço de ferro vai continuar e os próximos tempos prometem mais revelações como as contas de 1996 que, segundo nos disseram, registam um "pequeno lucro". Quem continua sem destino são os lucros de 1994 que estão retidos numa conta bancária à espera que se decida o que fazer com eles.

Tiago Maranhão

A entrevista a Paulo Gama

Dux Dixit

"A Cabra": *Porque registaram o nome "Queima das Fitas" em nome do Fernando Gama e do Paulo Brito?*

Dux: Porque nos foi pedido pela Comissão Central, atendendo a que estavam a haver problemas a nível de patrocínios e de patrocinadores...

C: *Porque é que não registaram em nome da Associação Académica de Coimbra?*

D: A festa não é uma festa da Associação Académica de Coimbra, a festa é uma festa de Praxe que desde sempre esteve ligada ao Conselho de Veteranos. A Direcção Geral nunca teve, até há pouco tempo, nenhuma interferência na festa. As poucas interferências que teve foram forçadas por ela... Isto não é uma festa associativa. É uma festa de Praxe.

C: *A Direcção Geral sabia da vossa intenção?*

D: Se não sabia, tinha obrigação de saber.

C: *Não poderá parecer suspeito registar a marca "Queima das Fitas" em nome de pessoas individuais?*

D: A intenção de fazer o registo não é a intenção de o fazer perdurar na minha pessoa ou na pessoa do Paulo Brito. Nenhum de nós está a pensar, quando a Queima tiver uma personalidade jurídica própria, manter esse registo. (...)

Dum ponto de vista legal não há nada a apontar. Poderá a haver em termos morais. Iríamos para esse campo se o interesse fosse uma apropriação em termos pessoais. Não é esse o caso. Para isso eu e o Paulo Brito tinhamos constituído uma sociedade "Queima das Fitas, Lda".(...)

A Queima das Fitas, neste momento é um sítio bom para bater. Porquê?, porque dá dinheiro. (...)

Estão a tentar que a "Queima" lhes fuja em definitivo... As pessoas neste momento deviam sentar–se e falar. Foi mau isto sair para a praça pública sem primeiro as pessoas falarem. Não dignificou nada a Academia, não dignificou nada a Queima das Fitas, não trouxe nada de positivo... Se o nome "cair na rua" qualquer pessoa poderá registá–lo. E mais, as pessoas hoje sabem que a "Queima" não estava registada...

Esta guerra não trás vantagens a ninguém. Se calhar, para ajudar a criar uma certa imagem, esta guerra trás vantagens a certas pessoas.

C: *Como classificarias as relações entre a DG/AAC e o Conselho de Veteranos?*

D: Paz podre. Neste momento as coisas não estão bem. Há uma certa guerra entre ambos os órgãos, não sendo uma guerra pessoal.

C: *Que comentário te sugere a afirmação de que vocês agiram na "sombra"?*

D: Nós agimos na sombra... Se calhar ela conhece bem esses processos e poderá dizer o que é agir na sombra. Eu acho que não. Só se for por ser grande que faça mais sombra do que ela, mas desconfio que, sendo ela pequena, faz muita mais sombra do que eu.

C: *É verdade que a Comissão Fiscalizadora não reune desde a véspera da última QF?*

D: Eu não faço parte da Comissão Fiscalizadora. A informação que eu tenho é que efectivamente já não se fazem reuniões da fiscalizadora há um certo tempo. Infelizmente não a vejo reunir–se. Estou à espera que se realize um Conselho de Veteranos para exigir à Comissão que tome uma posição. De qualquer forma a informação que eu tenho é que o representante da Direcção Geral (na Comissão Fiscalizadora) esteve para ser excluído por faltas...

C: *O que pensas da transformação da QF numa secção?*

D: Isso não leva a sítio nenhum. As contas desta casa não são publicadas. Não há contas publicadas de secção nenhuma. As contas da Latada não são publicadas. Não penso que isso vá trazer transparência a não ser que certas pessoas se julguem mais honestas que os outros.

C: *Que solução, então?*

D: Isso passaria por dar maioridade à Queima. Ela só teria a ganhar tendo uma estrutura própria, quer em termos de responsabilização jurídica, quer fiscal, quer em termos de transparência. Porque teria uma estrutura própria onde estivessem representados o CV, a Reitoria, a Direcção Geral, os Organismos e Secções e, obviamente, os Quartanistas.

3 anos de trabalhos produzem novos Estatutos para a AAC

ExtraorDinária Revisão

O Que Há de Novo

A AAC existe desde 1887. Nas proximidades do seu 109º aniversário ofereceu a si própria uma nova versão dos seus Estatutos, que não eram revistos de uma forma global desde 1982 e que se encontravam, segundo a opinião corrente, desfazados da realidade actual da Académica.

O novo texto surge depois de um intenso e complicado processo no qual se empenharam centenas de pessoas, mas a que a generalidade dos sócios se manteve alheia. Os novos Estatutos estão em vigor desde Julho passado, mas aguardam ainda publicação oficial.

As primeiras propostas de revisão surgiram no início da década de 90. Os Estatutos de 82 previam um mecanismo de revisão difícil de pôr em prática, pensado para uma associação com menos sócios e com uma estrutura mais simplificada.

Qualquer alteração exigia um referendo e uma participação superior a 50 por cento dos sócios. A números actuais, teriam de votar mais de nove mil estudantes. Tendo em conta a participação média nas eleições para os corpos gerentes (raramente superior a 5000 votos) os Estatutos enfrentavam um paradoxo: a revisão era indispensável mas ao mesmo tempo inviável, por força dos próprios Estatutos.

Em 1993, no segundo mandato de António Vigário e sob o impulso de Fernando Pompeu, então Presidente da Mesa da Assembleia Magna, realizou–se o tal referendo, com o objectivo de rever um único artigo: precisamente aquele que regulava o método de revisão (art. 66º).

Desse referendo, em que as urnas estiveram abertas mais de uma semana (para se atingiram os 50 por cento mais um), resultou uma nova figura — a Assembleia de Revisão dos Estatutos— órgão extraordinário, constituido por seis dezenas de elementos, dois terços dos quais eleitos directamente pelos estudantes e os restantes nomeados por estruturas diversas, cujo papel seria repesentar as "forças vivas da Academia".

Mais dificuldades

A eleição dos membros efectuou–se pouco tempo depois. Apesar do pouco interesse da generalidade dos estudantes, a primeira tentativa falhou por a comissão eleitoral ter detectado uma fraude susceptível de influenciar a distribuição de lugares entre as listas concorrentes. Os boletins entrados nas urnas eram em número superior aos votantes constantes dos cadernos. As cinco listas concorrentes decidiram apresentar uma lista conjunta, para "dignificar o processo", à segunda tentativa de eleição. Apesar disso, vieram a participar duas listas, constituindo–se a Assembleia de Revisão algun tempo depois. A primeira reunião aconteceria já no mandato de Tiago Magalhães. A Assembleia raramente conseguiu reunir o quorum mínimo para funcionar. Além disso, metade do mandato foi gasto com a aprovação do Regimento Interno e com a discussão das numerosas "propostas globais de revisão", que sobreviveram à união das cinco listas da primeira tentativa.

Um ano depois, a ARE não conseguiu mais do que uma nova revisão do artigo 66, reduzindo o número dos seus membros para metade.

A eleição da nova ARE efectuou–se na mesma data da dos corpos gerentes da AAC (primeiro mandato de Zita Henriques). Foi esta segunda ARE que procedeu à revisão que agora entra em vigor. Revisão que ficou em alguns pontos aquém dos projectos iniciais, não tanto por dificuldades, mas por duas outras ordens de razões. A primeira foi a tomada de consciência pela generalidade dos membros de que os Estatutos antigos não estavam assim tão desfazados da realidade.



Cerimónia da tomada de posse de Tiago Magalhães e da primeira ARE

Apenas não tinham sido devidamente compreendidos e aplicados. A segunda foi a descoberta de alguns problemas "insolúveis", como a questão da Queima da Fitas (a da sua estrutura e não a da titularidade do nome).

Cientes disto, os revisores consagraram uma revisão obrigatória de 5 em 5 anos. A próxima servirá para corrigir algumas deficiências que entretanto surjam ou sejam detectadas. Deficiências inevitáveis devido à criação de raíz de figuras até aqui inexistentes como os Núcleos ou a nova estrutura das categorias de sócios.

Carlos Loureiro

O novo texto dos Estatutos da Associação Académica mantém a mesma estrutura do anterior, até porque não existem grandes possibilidades de variação, mas há muitas novidades.

A primeira é a introdução de um novo princípio —o princípio da Promoção dos Direitos do Homem— que integra (ou manda integrar) na interpretação dos Estatutos a Declaração Universal dos Direitos do Homem, relevante por exemplo no financiamento (art.4º, nº 2), pois proíbe a AAC de receber financiamentos de entidades que contrariem os seus princípios.

Surge uma nova categoria de sócios —a dos sócios extraordinários (ver artigo ao lado)— e altera–se a nomenclatura. Até aqui, extraordinários eram os sócios inscritos numa secção quando não fossem sócios efectivos. A partir de agora, estes chamar–se–ão seccionistas (arts.5º, al. b), 9º e 10º). Os extraordináros são os antigos sócios efectivos (ex–estudantes) que se inscrevam como tal na secretaria da AAC. Não têm direito a voto, mas gozam de alguns benefícios contra o pagamento de uma quota anual.

Quora mais pequenos

Os órgãos da AAC mantêm–se inalterados, mas sofrem alterações de competências e de funcionamento.Particularmente relevante é a redução dos quora das Assembleias Magna e Magna de voto, indexados à votação para os corpos gerentes nos últimos dois anos (arts.28º e 33º).

A Assembleia Magna de voto é deliberativa se votarem mais sócios do que o número máximo de votantes nas eleições dos dois anos anteriores. A Assembleia Magna é deliberativa se estiverem presentes 20% daquele número.

A Direcção Geral passa a ser constituída por mais elementos (entre 15 e 21) em lugar dos 7 anteriores e recebe relevo institucional a figura de colaborador.

O Conselho Fiscal passa a ser eleito pelo método de Hondt, e em lista separada da da Direcção Geral, com o objectivo de dar maior transparência ao órgão de fiscalização e torná–lo independente da DG.

Finalmente Núcleos

A Maior inovação e uma das mais esperadas é a institucionalização dos Núcleos. Os Núcleos representarão Faculdades, grupos de cursos ou apenas um curso e terão uma forte ligação à DG, de quem dependem hierarquicamente, apesar de gozarem de bastante autonomia. São eleitos pelos alunos dos cursos que representam, mas há dois elementos nomeados pela DG. A sua principal função é substituir os actuais grupos pedagógicos, mas as suas competências não serão (não se pretende que sejam) exclusivamente pedagógicas. Estão regulamentados nos artigos 48º a 53º. Surge ainda um novo órgão consultivo —o Conselho Inter–Núcleos—, que reunirá os Núcleos e a DG e poderá pronunciar–se sobre quaisquer assuntos relacionados com a AAC.

O capítulo seguinte é o das Secções Associativas. Há algumas alterações no que se refere por exemplo ao processo da sua criação ou dos órgãos que as compõem. Clarifica–se ainda algumas situações até aqui duvidosas, como o voto dos sócios com menos de dezasseis anos.

Relevante é também a institucionalização dos Conselhos Cultural e Desportivo. Os dois conselhos são regulados separadamente devido às diferenças entre os dois tipos de secções, que justificam competências diversas. Além disso, antes ainda da revisão, os dois órgão já se encontravam a funcionar com base em protocolos entre as Secções e a DG.

O artigo mais importante é, provavelmente, o 72º, que prescreve a responsabilidade das direcções de secção. A sua leitura atenta é aconselhada a todos os seccionistas que ocupem cargos dirigentes ou que os pretendam ocupar.

Os novos Estatutos fixam a data das eleições no mês de Novembro. Este artigo entra em vigor apenas no próximo ano. Isto significa que a próxima Direcção Geral e restantes órgãos terão um mandato mais curto (de Março a Novembro de 97). As actas da ARE justificam esta decisão com a maior facilidade de participação nas Listas e nas eleições, por um lado e por permitir evitar que um director geral perca mais do que um ano lectivo (como acontecia frequentemente atá aqui).

Alterações de pormenor foram introduzidas na Assembleia de Revisão dos Estatutos. Dois representanes dos Núcleos passam a ter também assento.

Estas são as principais alterações, mas uma leitura comparada dos dois textos mostrará muitas outras. A adequação dos Estatutos à "realidade" exige mais do que uma simples alteração do texto. É preciso que o texto seja posto em prática. Ou, pelo menos, lido. A ARE teve o cuidado de criar alguns mecanismos para conseguir dar mais eficácia prática ao texto. Mas o que se disse no início do parágrafo vale também para esta parte.

A Cabra

Os Novos Velhos Académicos

Nos novos Estatutos da Associação Académica de Coimbra (AAC), recentemente aprovados, está prevista uma nova categoria de sócios: os sócios extraordinários. Esta nova categoria compreende todos os antigos sócios efectivos, ou seja, quase todos os antigos estudantes da Universidade de Coimbra.

A introdução da categoria de Sócio Extraordinário será anunciada no próximo dia 3 de Novembro, no decorrer de um espectáculo promovido pela Direcção–Geral, integrado nos festejos comemorativos do 109º aniversário da AAC.

Serão convidados especiais para esse espectáculo os Presidentes de todas as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra do país, no intuito de demonstrar que a festa dos 109 anos da AAC é também a festa de todos aqueles que estudaram em Coimbra, tomando parte na vida da Academia. Esta intenção terá a sua máxima expressão no momento da entrega de cerca de 10 cartões de sócio.

Por outro lado, trata–se também de sensibilizar os mencionados presidentes para o seu papel decisivo na segunda fase do projecto de angariação de sócios, enquanto pontos de referência capazes de desenvolver uma acção apelativa junto de todos quantos se encontrem na situação de poder ser sócios extraordinários. No mesmo sentido serão também convidados antigos membros das secções desportivas e culturais da Associação. Esta segunda fase do projecto de angariação de sócios desenvolver–se-á ainda através duma campanha a nível dos órgãos de comunicação social.

Na semana passada Rui Mendes, vice–presidente da AAC, reuniu na Assembleia da República com Almeida Santos, Presidente da Assembleia da República e também Presidente da Assembleia Geral da Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa O objectivo da reunião foi a discussão de alguns nomes, entre eles o seu. O antigo estudante de Coimbra mostrou grande receptividade, quer em seu nome próprio, quer em nome da Associação de Antigos Estudantes de Coimbra. Um dos cartões de sócio a entregar simbolicamente no referido espectáculo será, obviamente, a Almeida Santos.

O estatuto de Sócio Extraordinário irá permitir aos respectivos titulares participar na vida da Academia, tanto quanto qualquer Sócio Efectivo, apenas carecendo de capacidade eleitoral activa e passiva e efectuando o pagamento anual duma quota mínima fixada pela DG.

A introdução desta categoria surge contextualizada com uma progressiva quebra do espírito associativista. A AAC, uma das associações mais antigas da Europa, sempre se fez ouvir ao longo dos vários períodos críticos da nossa história, adquirindo, desde cedo, uma vocação formativa particularmente orientada para a interiorização de valores como a democracia, a liberdade e a intervenção, valores fundamentais na correcta formação do indivíduo. Prova desta vocação são os inúmeros antigos estudantes de Coimbra que ocupam presentemente cargos governativos ou outros que implicam uma activa participação na vida civil do país e, designadamente nas áreas desportiva e cultural.

É precisamente esta dimensão que se pretende transmitir à actual comunidade universitária, através da dialéctica passado/presente que se alcançará com a acção dos sócios extraordinários.

Abrindo as portas aos antigos estudantes de Coimbra para que participem ao lado dos actuais na vida e evolução da Academia, está a potenciar–se o alargamento qualitativo e quantitativo do âmbito de intervenção da AAC.

Filipa Rodrigues

Era uma vez um Referendo

Nos tempos que correm, quando a pátria discute conscienciosamente as vantagens e desvantagens do referendo, a AAC dá o exemplo. Para demonstrar como é merecido o seu lugar na vanguarda destes tempos lusitanos, e provar que não teme a pluralidade de ideias, a DG lança o grito de guerra. Afectação do dinheiro das propinas - referende–se!! Mas ninguém sabe exactamente o que vai ser perguntado aos estudantes. E a Assembleia Magna diz que não foi informada da realização da consulta. É a Academia surreal.

Diz a Direcção Geral que o referendo sobre a afectação do dinheiro das propinas vai estrear na Universidade de Coimbra. Nos dias 6, 7 e 8 de Novembro, Zita Henriques pretende saber que destino querem os estudantes dar à soma que resultou de três anos de cobraça de propinas em Coimbra, quando as leis 22/92 e 5/94 estavam ainda em vigor. Três anos que resultaram na bonita quantia de 950 mil contos.



Estudantes não recebem o dinheiro de volta mas vão escolher o seu destino

Em Abril passado ficaram definidos os princípios gerais de aplicação da verba, segundo uma proposta da Reitoria, que contou com os votos da actual DG, mas que na época causou polémica. Reza o acordo que o dinheiro será aplicado na conservação do património da UC, incentivos ao desporto e cultura, e por fim propõe–se a apoiar projectos na área de investigação científica. Três princípios gerais que irão servir de baliza à distribuição de dinheiros.

Já em Junho, a DG convocava uma Assembleia Magna para definir a posição da Academia face à afectação de verbas. Mas de acordo com a tradição apenas uma centena de estudantes respondeu à chamada, o que transformou a reunião num mero debate de ideias. Isto é, nada do que foi discutido viria a ter valor deliberativo. Mesmo assim tornou–se óbvio que o consenso está longe de ser alcançado. De um lado Luís Sousa defendia que o dinheiro nunca poderia ser utilizado a favor dos estudantes, porque iria contrariar tudo o que tem sido defendido pelo movimento associativo nos últimos cinco anos. Do outro lado da barricada Carlos Cortes, candidato à cadeira da Presidência da DG nas últimas eleições, pede a palavra para advogar o princípio da democraticidade. Dizia Cortes que nada poderia ficar excluído da discussão, os estudantes deverão decidir em total liberdade. O problema é que por falta de quorum, a forma final a dar à consulta é agora uma decisão da DG. As opções a apresentar aos 20000 estudantes da UC vão sair apenas das cabeças dos nossos dirigentes associativos. Seis ou sete opções, que deverão constar no boletim de voto e que os estudantes devem seriar por ordem de preferência.

O que a DG pretende com esta consulta aos estudantes é pois bastante claro, a AAC quer transformar o referendo numa arma política, a utilizar mais tarde no Senado Universitário. Isto é, Zita Henriques quer entrar no Senado com a opinião dos alunos da UC debaixo do braço. Nada melhor do que uns milhares de votos de estudantes para alcançar uma posição de força no Senado, e condicionar as decisões finais da Reitoria.

Mas nem tudo são rosas. Os chamados "problemas processuais" parecem estar a dificultar a vida a quem quer que o referendo veja a luz do dia. Para que o referendo se realize, é necessário que a Mesa da Assembleia Magna convoque uma Assembleia Magna de Voto, o orgão deliberativo máximo da Academia de Coimbra. **Mas para convocar este orgão é necessário que a DG ou o Conselho Fiscal** façam chegar um requerimento ao Presidente da Magna. O que parece que ainda não aconteceu. O processo ameaça atingir contornos kafkianos, numa Academia surreal.

Procuram-se 5000 votos

Mai. ara tornar o resultado em decisão deliberativa, é necessário que entrem nas urnas cerca de 5000 votos, um número difícil de alcançar. E em maré de "contagem de espingardas", a DG tenta por todos os meios reduzir ao mínimo a habitual abstenção na população universitária de Coimbra. Assim a AAC deverá colocar mesas de voto em cada faculdade, embora não saiba exatamente onde desencantar pessoas para supervisionar as votações.

A verdade é que o destino a dar ao dinheiro das propinas nunca foi uma questão consensual para os dirigentes associativos. A Universidade de Coimbra e o Instituto Superior Técnico de Lisboa constituem excepções no panorama português, são os únicos centros universitários em que o montante das cobranças permanece intacto. Daqui resulta que a devolução integral a quem pagou, uma ideia defendida por muitos, se torne inviável. Além de ser necessário a aprovação da Assembleia da República, poderia levar a uma onda de protestos nas outras Universidades. O executivo socialista nem considera a questão, o governo não quer "comprar" uma guerra de consequências imprevisíveis. Feitas as contas, para Coimbra sobraram muitas dores de cabeça e *950 mil contos*. Para resolver a questão, Zita Henriques anuncia o referendo.

De facto, a ideia de auscultar a opinião dos estudantes foi uma das propostas comuns a quase todas as listas que o ano passado correram para a cadeira da Presidência da AAC. Mas a polémica sempre girou à volta da utilização da verba no domínio da Acção Social Escolar, uma área que o movimento associativo sempre definiu como da exclusiva responsabilidade do Estado. Mas também aqui o consenso é apenas uma miragem.

Se o referendo aprovar acções como construção de cantinas e residências irá de encontro a tudo o que as anteriores DG's disseram. Entre as associações de estudantes, a Académica sempre foi uma das vozes mais fortes. Sempre afirmou as lei das propinas eram injustas, que os estudantes pagam a maior parte do seu custo de frequência nas Universidades Públicas. E que nunca poderiam ser os estudantes a pagar os custos da ASE, como estava previsto na lei 20/92. **Mas nestes casos a população universitária de Coimbra é quem mais ordena.**

Entre imbróglios processuais e discussões de estratégia, uma coisa é certa. Este referendo ainda vai dar muito que falar.

Ana Drago

Senado da Universidade de Coimbra

Eleições à porta

As eleições para o Senado estão à porta e os habituais candidatos já se mexem, procurando apoios e alianças para a formação das listas que irão concorrer a um orgão praticamente desconhecido dos estudantes.

De dois em dois anos o cenário repete–se: os estudantes vão às urnas para eleger os seus representantes em dois Orgãos da Universidade, que, na sua maioria, praticamente desconhecem - o Senado e a Assembleia da Universidade. Em cada faculdade serão eleitos, pelo método proporcional simples, para o Senado, dois candidatos, que se irão juntar aos Presidentes da Direcção Geral da AAC e da Mesa da Assembleia Magna, a cinco estudantes nomeados pela DG e ainda a dois estudantes, pertencentes a um dos Conselhos Directivos e a um dos Conselhos Pedagógicos, eleitos pelos respectivos colegas dos Orgãos de Gestão. Para a Assembleia da Universidade serão eleitos 12 estudantes por faculdade.

Este ano as listas tiveram mais tempo para se formarem, pois as movimentações começarem no mês de Junho, altura em que se julgava que se iriam realizar as eleições, acabando, no entanto, por ser marcadas para o dia 13 de Novembro. Apesar disso, a maior parte delas ainda não escolheu os candidatos ao Senado, e muito menos à Assembleia da Universidade, guardando a sua decisão para a última hora, razão pela qual, pouca informação conseguimos apurar.

Na **Faculdade de Direito** todas as listas candidatas aos Orgãos de Gestão nas últimas eleições, deverão apresentar candidatos ao Senado. Bento Monteiro recan–didatar–se-á pela lista C. A lista S, por sua vez, deverá candidatar Joana Mendes. João Queirós, membro do Conselho Directivo eleito pela mesma lista, candidatar–se-á mas enquanto representante daquele orgão.

Na **Faculdade de Ciências e Tecnologias** dever–se–ão apresentar as duas listas que concorreram nas últimas eleições aos Orgãos de Gestão: a lista R e a lista I. Pela primeira aponta–se o nome de Nuno Dias como provável candidato, e a segunda, embora já tenha decidido avançar, ainda não escolheu os seus candidatos. Quase certa, é, porém, a candidatura de Vitor Aires, da lista I, pelos Conselhos Directivos. Se em relação ao representante dos Conselhos Directivos nada está decidido, já o representante dos Conselhos Pedagógicos deverá ser da FCTUC e da lista I, uma vez que esta faculdade tem o maior número de elementos dos ditos Conselho e que a maioria dos seus elementos são daquela lista.

A lista U da **Faculdade de Letras** tentará conseguir manter os dois elementos que tem no Senado e tentar reeleger Luís Urbano, de História, pelos Conselhos Directivos, o que, a acontecer, fará da lista U a lista com mais representantes no Senado. A lista U contará com a provável oposição da lista A, que tentará alcançar os votos necessários para colocar pelo menos um dos seus candidatos.



Foi por decisão do Senado que Xanana Gusmão se tornou aluno extraordinário da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Na **Faculdade de Medicina** a lista P deverá candidatar-de, embora não seja certo se sob a mesma sigla. Não se conhecem até ao momento outras movimentações.

Na **Faculdade de Economia** deverá apresentar–se como candidato João Gouveia, actual presidente da Secção de Fado, por uma lista promovida por alguns membros do Núcleo de Estudantes Sociais Democratas de Economia. As outras listas que concorreram aos Orgãos de Gestão também deverão concorrer, embora não tenha sido possível confirmá–lo junto de eventuais candidatos.

Na **Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação**, deverá, como já vem sendo hábito nos últimos anos, apresentar–se uma única lista, formada com a ajuda dos actuais membros do Senado e do Núcleo desta faculdade. A lista deverá incluir um estudante de cada um dos dois curso aí ministrados, sendo apontado o nome de Joana Silvestre, de Psicologia, que já está no Senado em substituição do anterior representante que acabou o curso, como uma das candidatas.

Já na **Faculdade de Farmácia**, a lista vencedora nas últimas eleições para o núcleo de estudantes, a lista B, também pretende candidatar–se às eleições para o Senado, não tendo ainda decidido quem serão os candidatos. Outra lista candidata ao Núcleo, a lista M, deverá voltar a concorrer nestas eleições, embora ainda não saibam quem a vai constituir.

Paulo Granja

Mas afinal o que é o Senado?

Cada vez mais se verifica a tendência para os alunos do Ensino Superior em Coimbra passarem por cá e levarem para casa os respectivos canudos, sem se preocuparem em saber como é que afinal funciona a Universidade, quem a faz funcionar, nem com o tal "Espírito Académico" que tornou Coimbra diferente. Sabem que temos um Reitor porque até vai, às vezes, à televisão. Da AAC só conhecem o edifício e mesmo assim, muitos, só a zona do bar. Pois bem: perturbem-se estas mentes porque afinal a Universidade não é conduzida só pelo Reitor, nem por uma espécie de mão invisível.

Segundo os Estatutos da Universidade, para além do Reitor, também fazem parte dos Órgãos de Gestão, o Senado, a Assembleia e o Conselho Administrativo. Vamos preocupar-nos mais com o Senado porque estão aí à porta eleições para este Órgão que é uma espécie de Parlamento.

Têm lugar no Senado o Reitor (Professor Doutor Rui de Alarcão) e um Vice-Reitor, (Doutora Teresa Mendes), os Presidentes da Direcção-Geral (Zita Henriques) e da Assembleia Magna da AAC (João Porto) e ainda mais cinco elementos dos corpos gerentes da Associação Académica. Também os Presidentes do Conselho Directivo e do Conselho Científico de cada faculdade, um doutor, um docente não doutorado, um investigador, um funcionário de cada Faculdade, outro dos serviços e estabelecimentos na dependência directa de Rui de Alarcão e ainda um dos Serviços de Acção Social. Além destes membros há ainda lugar no Senado para os estudantes: um escolhido entre os alunos dos Conselhos Directivos, um outro dos Conselhos Pedagógicos das Faculdades, e ainda mais dois alunos por cada Faculdade. São estes os teus representantes, eleitos por mandatos de dois anos que podem ser renovados. A competência para marcar estas eleições cabe ao Reitor, que terá de o fazer com uma antecedência de quinze dias. É o que está para acontecer, visto que teremos eleições para este Órgão, em princípio, a 13 de Novembro (ver texto em cima).

No Senado definem-se as linhas gerais de orientação da Universidade: os planos de desenvolvimento, o relatório anual das actividades, projectos orçamentais, assim como fazer as contas e dividir as verbas pelas faculdades. Também compete ao Senado deliberar sobre a criação e extinção de cursos, mestrados, cursos de pós graduação, reformas curriculares, instituir prémios escolares, pronunciar-se sobre a nomeação dos Pró-Reitores e sobre a concessão de títulos e distinções honoríficas, e ainda exercer o poder disciplinar.

É também da competência do Senado definir os valores das propinas. No ano lectivo passado, por exemplo, foi na reunião de 17-4-96 que foi discutida a afectação do controverso dinheiro resultante do pagamento das propinas, e que se decidiu que os mais de 950 mil contos não seriam entregues aos estudantes que os pagaram mas sim que reverteriam para obras ligadas à Universidade (ver artigo da pág. 6).

Os membros do Senado podem ainda apresentar nas reuniões assuntos que achem relevantes. Na última reunião do Senado, após proposta da Direcção-Geral no projecto "A Universidade que temos e a Universidade que queremos", foi aprovada a necessidade de efectuar duas auditorias à Universidade: uma ao seu esquema organizatório-administrativo, a qual seria feita por uma empresa de consultadoria privada, e uma outra ao seu nível pedagógico e social, que seria entregue a um instituto interno da própria Universidade.

Foi também aprovada, nesta reunião, uma moção de censura à Faculdade de Medicina pelo atraso na discussão e publicação do seu regulamento interno que tinha de ser alterado devido às mudanças do currículo do curso.

Rosário Salvado

Época Plena

Uma das propostas levada a votação na reunião do Senado de 17 de Junho último, tem levantado alguma polémica, muitas vezes aproveitada para aquelas politiquices da Academia que os frequentadores do meio bem conhecem. Nuno Freitas, representante dos alunos de Medicina, e Luís Urbano, representante no Senado pela Faculdade de Letras, propuseram à votação do Senado um projecto que admitia para todas as Faculdades época plena de exames em Setembro. Isto é, à semelhança do que já acontece em Economia os alunos de todas as Faculdades poderiam efectuar na época de Setembro/Outubro a sua inscrição em exame no número de cadeiras que quisessem. Os mentores da proposta consideram que não há razões pedagógicas ou científicas que justifiquem a limitação actual do número de cadeiras, e que a Universidade deveria contribuir mais para que o estudante fosse autónomo e capaz de gerir com sucesso o seu percurso académico, até porque outras Universidades do país já adoptaram este método com benefícios para os estudantes e um aumento do índice de aproveitamento escolar.

A proposta foi rejeitada sem sequer ser discutida e votada após os docentes em bloco, incluindo o Reitor, se terem desde logo manifestado absolutamente contra ela por a acharem ilegal. O mais curioso é que a proposta também não foi assinada nem por Zita Henriques, a Presidente da AAC, nem por Rui Mendes, Vice-Presidente, apesar de reunir as assinaturas de todos os outros estudantes.

Segundo Rui Mendes o problema não está na proposta em si mas num erro de forma. Nuno Freitas teria chegado à reunião, elaborado a proposta em cima do joelho, propondo-a à votação sem antes a ter discutido com quem quer que fosse. Estava mal argumentada e trabalhada. Ainda por cima isto passou-se em Junho, quando os estudantes estavam já de malas prontas para as férias, arriscando-se a, por falta de informação, não recorrerem à possibilidade de época plena. Segundo o Vice- Presidente da DG a proposta deveria ter sido antes discutida com o Reitor, com os Presidentes dos Órgãos de Gestão das Faculdades e com os representantes dos estudantes no Senado para que houvesse um concertar de posições. Acusa a moção de ter sido apresentada demagogicamente, pelo que todos os docentes, incluindo o Reitor, se manifestaram logo contra ela e nem sequer levaram o documento a votação: "Eu tive oportunidade de dizer isso ao Nuno Freitas logo naquela reunião de Senado, que não subscrevia o documento porque achava que o documento não era honesto, não era sério na maneira como estava a ser apresentado e na altura em que estava a ser apresentado, mas que concordava com a época plena de exames em Setembro para todos os estudantes de todas as Faculdades.(...) O que acontece é que ninguém naquela reunião de Senado sabia referir a legislação que existia em vigor, havia uma grande confusão acerca daquilo que existia a nível regulamentar(...) e é claro que sem haver uma argumentação preparada e sem uma discussão prévia com quem deveria ser tida, a decisão nunca deveria passar."

Nuno Freitas concorda que não houve uma preparação eficaz do documento. A proposta foi elaborada em cima da hora, é certo, mas "as coisas também se resolvem em cima da hora". Mas o grande problema, para ele, é haver um excesso de regulamentação, negando aos alunos a tal autonomia na forma de gerirem o seu tempo: "Presumi que uma proposta essencialmente razoável seria acolhida pelo Senado de boa fé", visto que não colide com nenhum problema de fundo. Concorda que deveria, como é costume, ter falado primeiro com o reitor,para que este ponderasse sobre a questão: "Limitei-me a encurtar esse caminho". E aponta o exemplo de várias universidades portuguesas e estrangeiras onde os alunos é que escolhem as cadeiras a fazer, um exemplo que deveria vingar também em Coimbra. O Senado Universitário, apontou Freitas, funciona de uma forma muito peculiar:"o papel dos representantes dos estudantes no Senado é um papel que roça o ridiculo: a sua capacidade de propositura é manifestamente insuficiente, fazemos figura de corpo presente" e os problemas têm tendência a arrastarem-se durante anos. Esta proposta, por exemplo: nunca houve outra durante o seu mandato que reunisse tantas assinaturas e acabou por sair frustrada. "Não tentei beliscar a DG, pelo contrário. Se a DG quiser levar a proposta ao Senado só faz bem: só beneficia os estudantes."

Rosário Salvado

Vagas e médias de entrada

Os números dos caloiros

Medicina e Engenharia Física são os extremos no que diz respeito às médias de entrada deste ano na Universidade de Coimbra. Já quanto às vagas, os cursos–faculdade batem aos pontos os cursos das restantes faculdades. Ou seja, Direito e Farmácia foram dois dos cursos com mais vagas este ano. Estudos Portugueses e Italianos, curso da Faculdade de Letras, admitia este ano apenas dez alunos.

Ciência e Tecnologia
Faculdade de extremos

Fazendo as contas, a FCTUC é a faculdade onde a média das médias de entrada é mais baixa. Ressalva–se, no entanto, que nem todas as médias da FCTUC foram baixas, antes pelo contrário. A terceira média de entrada mais alta em toda a Universidade de Coimbra foi exigida num curso desta Faculdade, Arquitectura (166.4). Mas não só este curso teve média alta, bioquímica (155.5) e Biologia (152.6) acompanharam o nível de exigência. Se juntar–mos a estes dados o facto desta faculdade ter tido os dois cursos com a média de entrada mais baixa da UC chegamos à conclusão que esta é uma faculdade de extremos no que diz respeito à exigência de admissão. Engenharia Física (61.0) e Engenharia Geográfica (64.3) foram os cursos com média mais baixa da UC. Seguiram–se Física (66.0) e Engenharia de Minas (83.5). Curiosamente, nem a média baixa exigida para admissão em Física fez com que todas as suas vagas fossem preenchidas .



Andei eu doze anos a estudar para agora andar de gatas!

Faculdade de Direito
sobe e desce

Direito deixou, claramente, de pertencer ao grupo de cursos elitistas em termos de média de admissão. Os 141.0 pontos exigidos ficam, claramente, à sombra de cerca de metade dos cursos das restantes faculdades. Em declínio na média de admissão mas em grande no número de vagas aberto este ano. Ao todo, 390 vagas para o mesmo número de caloiros. O grande número de vagas é normal se tivermos em conta que Direito é considerado uma faculdade–curso mas extremamente anormal se considerarmos as condições existentes.

A lei da oferta e da procura

Na Avenida Dias da Silva não se brinca em serviço. Exigente nas médias e com vagas q.b. a Faculdade de Economia mantém a tradição de anos anteriores. Como registo ficam os números: Economia 130 vagas, 136.4 pontos; Organização e Gestão de Empresas 60 vagas, 129.2 pontos; Relacções Internacionais 45 vagas, 155.1 pontos; Sociologia 45 vagas, 151.5 pontos.

Média alta em farmácia

Farmácia, como uma das duas faculdades–curso da nossa universidade, teve um número de vagas bastante alto, 115 ao todo (um número útil no caso dos problemas do ano passado se repetirem este ano lectivo). Na senda do exagero, o curso de Ciências Farmacêuticas foi um dos mais exigentes a nível da média exigida para admissão. Um número como 156.9 parece demasiado alto para um curso relacionado com ciências ditas exactas.

Jornalismo em alta
Clássicas em baixa

Jornalismo continua a ser um dos cursos com média de admissão mais alta da UC. 159.0 é um número que deixa muitos concorrentes ao Ensino Superior frustrados. É, sem dúvida, o resultado da grande procura deste curso por parte daqueles que esperam entrar na Universidade. Ainda por cima, o número de vagas fala por si, 40, sem dúvida parcas para tanta procura. Filosofia, História e Português–Inglês são outros cursos com média elevada nas Letras, contrastando com o único curso com média de admissão abaixo dos cem pontos: Línguas e literaturas clássicas e portuguesa (84.5) que abriu 45 vagas, um dos maiores da FLUC, que não chegou a ser inteiramente preenchido. Linguas e literaturas modernas, variante de estudos portugueses e italianos, foi, destacadamente, o curso com o número de vagas mais baixo de toda a UC (10 vagas).

Medicina à frente
Psicologia em cima

Medicina e Medicina Dentária continuam os cursos com média mais elevada da Universidade de Coimbra, 173.7 e 167.5 pontos, respectivamente. Só ao alcance de alguns. Cem vagas para Medicina e 40 para Medicina Dentária fecham as contas desta faculdade.

Na Faculdade de Psicologia existiram este ano 30 vagas para o curso de Ciências da Educação e 70 para o Curso de Psicologia. A média de admissão ao curso de Psicologia foi de 165.6, um pouco acima do outro curso desta Faculdade que se cifrou em 152.7 pontos.

Ricardo Rocha Diniz

**As médias referidas neste texto estão numa escala de 0 a 200 pontos.*


DOM
Quixote
10



A Idade da Aparência



Nuno Freitas

É diferente o país que consumimos do país que vivemos. Agruras da era da informação. E se nalguns casos tudo se resume à cosmética própria dos assuntos públicos e dos rituais políticos, outros há onde transpira a ilusão deliberada e irresponsável. O que não deixa de ser inquietante.

O despertar doloroso dos rosados sonhos e dos amanhãs que cantam cabe, em primeira instância, aos jovens portugueses. Em especial aos estudantes. Porque é do futuro que verdadeiramente se trata. Sei que, dado o actual contexto nacional, seria mais simpático e mesmo politicamente correcto vender outras e melhores efabulações, encarreirando na bonomia geral e no optimismo fácil. Digamos que uma estranha inquietação tomou conta deste exercício. Os quiméricos tomem–no por fraqueza, ressaca ou alienação. Eu chamo–lhe instinto de sobrevivência. Não acredito que este país se venha a construir por graça divina, solidariedade europeia ou marketing político.

A este propósito. Clinton e Dole, dirigindo–se aos jovens americanos, confrontaram diferentes ideias e iniciativas para controlar o défice americano, apostar na educação e criar empregos. Em cima da mesa tinham as projecções dos dados oficiais - quem nascer hoje pode esperar pagar de impostos 82 cêntimos por cada dólar que venha a ganhar, e levar para casa os restantes 18 cêntimos. E é a maior economia do mundo, sem serviço nacional de saúde e com esquemas de segurança social muito próprios. Daí que a abordagem da afectação do erário público não se tenha reduzido a slogans ou paixonetas. Mereceu–lhes o respeito de propostas concretas e sérias. Sem facilitismos demagógicos, antes com objectivos nacionais bem definidos traduzíveis para a vida prática dos jovens concidadãos.

Encontram pois, de seguida, leituras pouco convencionais de alguns acontecimentos. Entre a caricatura necessária e a resignação alegórica, espero que se mantenha a lucidez como pano de fundo. Depois, para relaxe, voltemos ao calmo mundo de sombras e aparências.

---

1. Quem vê caras, vê corações

Marçal Grilo despediu–se de Zita Henriques com dois indignados beijinhos. Tinha acabado de comunicar ao país um pré–aviso de greve do Ministério da Educação em relação às Associações de Estudantes. Ou qualquer coisa como isso. O discurso de Zita tinha sido a gota de água. Não se vai a ministro para ouvir destas. Ao jeito do colega agrícola, decidiu contra–atacar com a carreira política de Zita. Improvisadamente, os números orçamentais apresentaram–se feridos e ofendidos. Vítimas da incompreensão e do extremismo.

Será mesmo assim? Não creio. Há demasiada experiência política e conhecimento mútuo em jogo para tão puro afastamento e distante divisão. Marçal Grilo liderou, anos a fio, críticas, reparos e queixumes do agora defunto Conselho Nacional de Educação. Sabe, portanto, melhor do que todos nós, que não cumpriu, e provavelmente não cumprirá nunca, nem um terço de todas as medidas que já advogou. Por outro lado, deve o seu lugar à ideia propalada de que, nesta área, a política do possível não chega. Precisa, portanto, de criar algumas condições na divulgação de um frágil Orçamento de Estado para a Educação. Recolher objecções excessivas, radicais ou utópicas parece boa engenharia. Garante simpatia pela vítima - neste caso, o ministro e respectivas cifras -, e previne novos ataques. A hipocrisia política tem hoje curiosos contornos mediáticos. O Ministério não age, mas reage. Nunca um ministro ganhou tanto em vir a Coimbra.

Zita sabia que estava a ler a Bíblia ao Papa. Colaborou num conveniente atrevimento. Ao contrário do que se retira numa primeira impressão, Marçal foi subtilmente simpático e agradecido quando falou da carreira política de Zita. Marçal sabe onde Zita se situa. E ela sabe que ele sabe. Diz–nos o sorriso envergonhado que subitamente apareceu.

Porque se aquele discurso traduzisse de facto a posição da AAC, nenhum ministro da Educação viria a Coimbra. Provavelmente não haveria mesmo Abertura Solene das Aulas na Universidade de Coimbra. Num cenário tão dramático, a Academia estaria de tal forma mobilizada e agreste que tal não seria, simplesmente, possível. Por muito menos se fechou já a Porta Férrea. Por muito menos se realizaram Assembleias Magnas. Por muito menos se organizaram manifestações.

Para lá de que, no fim de um segundo mandato à frente da AAC, evidenciar tamanha agonia e tal descrédito em relação à universidade, à cidade e à política educativa só viria demonstrar impotência, menoridade e falhanço da própria AAC. Note–se que não há qualquer oposição interna, volumosa e radical, que exigisse de Zita um comportamento duro. Foi, portanto, um acto gratuito, inconsequente e, sobretudo, falso. Um frete. Um frete político. De independente para independente, é certo.

Teve o pequeno saldo de segundos de televisão e o nome impresso. A direcção da AAC pareceu, por instantes, existir. A Academia, essa, não ganhou nada.

Acredito que, no final, o Reitor estivesse satisfeito. Também ele fez o que lhe competia. Ora cravo, ora ferradura. Imagino-o a puxar para o lado os dois tranquilos beligerantes. "Isto correu bem, hã??" (os punhos, por reflexo, ter–se–ão cerrado disfarçadamente no sorriso tripartido).

O almoço comemorativo decorreu com igual solenidade.

2. Timor :-)

(Dedicado a MCP, RENETIL e http://www.uc.pt/Timor/)

Um imenso vazio cinzento. Eis o que ficou do blá, blá, blá oficial e do "furo" do momento. Presumo que tenhamos que pedir à Europa autorização para festejarmos dignamente os (nossos ?) Prémios Nobel. Talvez consigamos qualquer coisa, pois demonstrámos uma reacção tão incaracterística, normalizada e abúlica como quaisquer ideais pacóvios europeus. Há quem não tenha grandeza para os tempos que correm. Apesar de estar sentado onde está.

Varre–nos o medo das causas substantivas. Culpa do século, do comunismo e do fascismo, porventura. Ou da superficialidade dos modos. Daí que a inteligência vibrante de João Soares tenha produzido cartazes–relâmpago da Câmara de Lisboa a favor do "furo". Isto é, das sondagens. Mas os direitos humanos, a dignidade ou a esperança têm costas largas. E consta que, à hora da morte, somos só nós e a nossa consciência. Mesmo para os que a não conheceram em vida.

Mas joguemos fora as vaidades, invejas e desconfianças de alguns espíritos luso–mesquinhos que sempre ocorrem na consagração alheia. Resta o confronto por fazer com a nossa história recente, pois também é disso que se trata quando falamos de Timor. Talvez que outro brio e outro rumo aí nascessem. Se ainda resta alma bastante.

É tão fácil potenciar a indiferença. Os que têm medo do passado sempre obstruiram o futuro. A quem serve o lume brando e o quase–esquecimento colectivo dos erros - que também houve - de Abril?

E, contudo, a comoção superou todos os amargos. É doutra natureza, superior e íntegra. Uma telúrica felicidade uniu todos os portugueses e timorenses de boa–vontade. Creio que é essa a força do Nobel da Paz - ser atribuido no mesmo acto, ao mesmo tempo, a milhares e milhares de pessoas que só se conhecem na esperança, e na dor, que partilham.

Essa pequena justiça que oxalá seja meia alvorada. Um prémio, forjado a sangue, dos timorenses. Um alento, um sinal, um sonho, o que seja, por Timor. Para que sigam em frente todos os minúsculos passos de tanta gente.

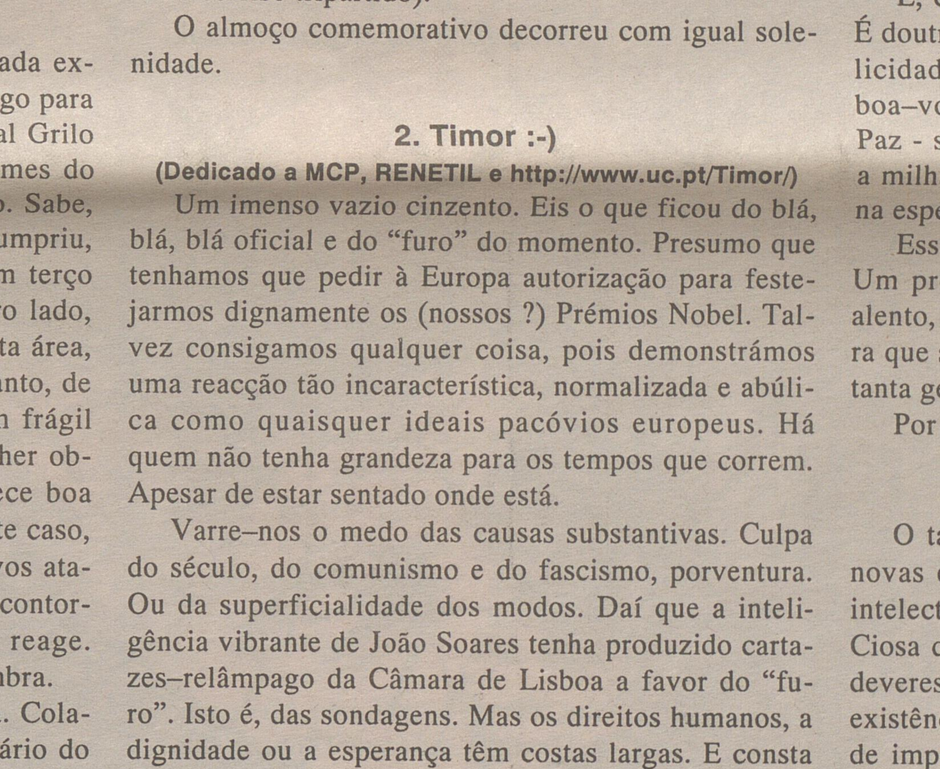
Por Timor. Sempre.

3. O Cancro Bem Pensante

O tabaco causa mesmo cancro. Mas, em face das novas evidências científicas, a reacção da enublada intelectualidade portuguesa não se vai fazer esperar. Ciosa dos respectivos direitos, algo amnésica para os deveres, cedo lembrará dos direitos dos fumadores, da existência de não–fumadores como Macário Correia e de impostos por maço que constroem hospitais, creches e quartéis de bombeiros. A Irmandade dos Dedos Amarelos terá dois ou três confrontos simbólicos com cientistas disléxicos ou com colaterais de Macário. Milhares de novos fumadores, desde os extremamente jovens aos estupidamente velhos, são o resultado previsível desses debates.

O Governo, num diálogo dispneico, cria uma comissão pró–independente presidida por um conhecido de Pina Moura e aumenta o preço do tabaco e dos cinzeiros. Desse modo, Sousa Franco deixa em lágrimas o Conselho Europeu de Ministros das Finanças ao afirmar que os fumadores portugueses vão colocar Portugal no pelotão da frente. O Padre Vitor Melícias, por seu turno, na conferência de imprensa do recém formado Projecto Bafo–de–Onça, esclarece os objectivos para o ano 2000 - "menos de dez milhões de fumadores em Portugal".

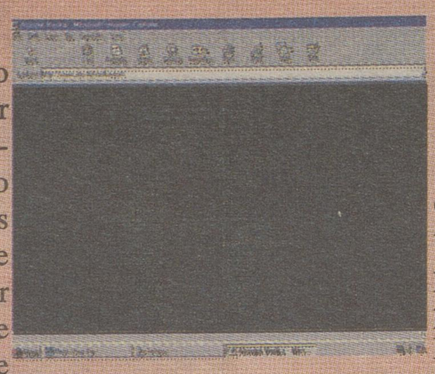
A questão está assim exemplarmente lançada. Se os portugueses fumadores - nomeadamente a nata nacional - morrem novos, de cancro e em sofrimento, porque raio não hão–de morrer os restantes portugueses do mesmo? São mais do que eles?



WEB TROTTER

Rui Ferreira (FTR)

Latada I



Está a chegar a Latada e não poderia deixar de vos indicar alguns endereços alusivos a esta quadra. Neste primeiro grupo indico coisas indispensáveis para esta Latada em temos de necessidades orais. Optei por vos recomendar fármacos de largo expectro e naturalmente extraídos dos mais variados cereais.

Http://www.unicer.pt/superbock/
Http://www.udvc.pt/gordons/
Http://www.absolutvodka.com
Http://www.guinness.ie

Latada II



Nem só de água vive o peixe e certamente vão ser necessárias outras coisas nesta quadra festiva que se aproxima. Se tudo correr bem, além e depois dos fármacos referidos em Latada I será necessário para dormir melhor utilizar alguns utensílios que poderão ser pesquisados e adquiridos na World Wide Web.

Http://www.condomania.com
Http://www.mindspring.com/~moncheri/
Http://www.durex.com

Infantilidades

Ao contrário do que possam estar a pensar, dada a crescente adoração sexual de crianças, esta página não tem uma relação directa com este problema. Qualquer pessoa com mais de 18 anos pode visitar esta página pois não tem o mínimo interesse para os mais novos. Penso que já consegui despertar a vossa curiosidade, portanto, cá vai o site.

Http://skull.cc.fc.pt/~gulliver/infantilidades.html

Screen–saver

Mais uma vez vou deixar aqui uma sugestão para que possam fazer lindos papéis de parede ou screen–savers para as vossas plataformas que espero ainda não tenham o Bug´95 (vulgo Windows´95). Como diria o Gabriel Alves ´são imagens de belo efeito´ que ´sobretudo ao nível do primeiro toque´ serão ´o espectáculo do "futebol" na mais pura execução filosófica daquilo que é o nosso futebol´.

Http://www.brasdirect.co.uk

Back–stage

Dave Stewart, ex–Eurythmics, decidiu dar uma alegria a todos os colecionadores de preciosidades do mundo da música. Logicamente o seu género músical não interessaria à maior parte dos leitores mas o seu site não fala do seu género, é apenas a sua colecção pessoal de fotos de e com celebridades, portanto, fanáticos apontem a

Http://www.secret.freud.co.uk/



It´s Showtime

Para todos os cinéfilos, efeitoespecialófilos e outros ófilos que não pedófilos o meu conselho é que se deixem de Lérias e frequentem, eu disse mesmo frequentem e não visitem, estes sites onde até ´demos´ de filmes poderão ver.

Http://www.fox.co.uk
Http://www.upi.com
Http://www.disney.com
Http://www.paramount.com

A Voz do Além (ou pelo menos a caminho)

Um condenado à morte troca correspondência com um amigo no exterior enquanto espera, sentado num banco, no corredor da morte. Que podemos esperar? Uma grande discussão sobre a pena de morte que inclusivamente já levou o pai da vítima do assassino a fazer também uma página. À hora do fecho desta edição ainda não havia link nesta página para a segunda embora tal se aguarde a todo o momento.

Http://monkey.hooked.net/monkey/m/hut/deadman/deadman.html

Eles andam aí

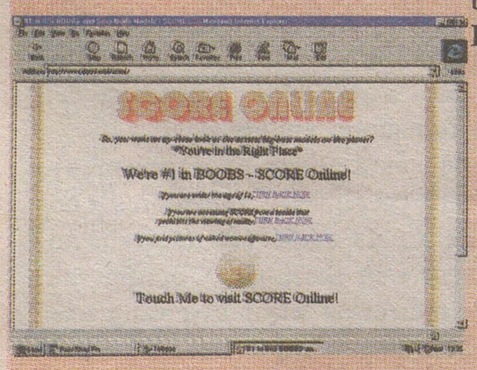
A Internet é o paraíso de todos os que têm a mania da perseguição e como tal também lá temos os que sabem que os Extra–terrestres existem. É quase uma rede dentro da rede que se torna muito divertido explorar desde os paranoícos dos X–files até aos maníaco–depressivos das "abductions".

Http://www.zorg.com
Http://worldserver.pipex.com

A Sónia

Foi mesmo aqui a agência de modelos onde foram buscar a famosa Sónia do Trinamix. Além da portentosa Sónia encontramos também as outras modelos que fazem a promoção noutros países, pois, embora não seja referido na publicidade, tal como o Sumol Néctar, o Trinamix também é vendido em todo o lado menos na Indonésia.

Http://www.scoremag.com/score/

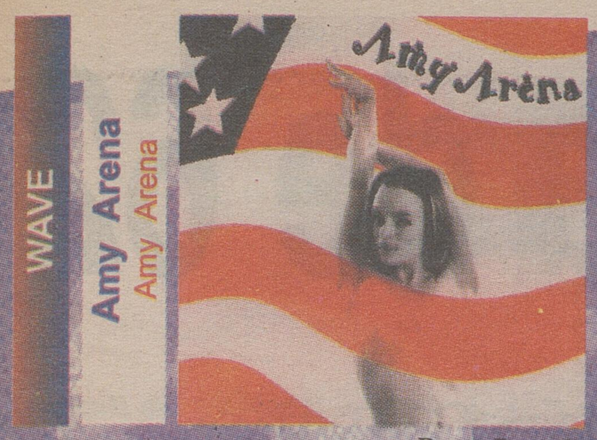


O dueto (sem ser da TMN)

Estas duas páginas têm certamente o mesmo nº de acessos diários pois o público ´target´ é o mesmo. A da Reuters permite–nos, no recato do nosso lar, fazer auto–diagonóstico dos males que nos apoquentam a partir da pura e simples observação de sintomas. A outra dispensa comentários.



Http://www.freedonia.com
Http://www.reutershealth.com



Domo Records

"Come-me, fode-me, arrasa-me. Chama-me puta, vaca ou cabra se quiseres, mas nunca "lady". Chama-me mulher. Eu tenho orgulho de ser mulher"*. Com 22 anos e natural dos Estados Unidos da América, Amy Arena apenas precisou da publicitação de excertos das letras para ser conotada de delatora tal como P.J. Harvey ou Courtney Love**.

A exemplo do que acontece no Reino Unido, também a imprensa musical Americana vive da criação de cíclicos escândalos e de "personnas non gratas" - acabando Courtney Love por ser sempre a grande accionista. A defesa da homossexualidade, o anti-feminismo e ideias como: "se a emotividade e o sentimento estão perdidos, que nos resta além do prazer?!?...", serviram "como uma luva" para acusar Arena de pró-submissão sexual. Acusação algo estranha de fazer a quem defende que a mulher comece a considerar o homem como objecto e pare, isso sim, de exigir não ser vista como tal.

"Addicted to dirt", "Cheeseburger", "Proud to be a woman" ou "Excuse me", são argumentos que tornam este seu primeiro álbum (quase) obrigatório, mas que não escondem uma estranha dicotomia entre as palavras e um "look" tão Vanessa Paradise.

Agora, só mesmo o segundo registo dirá da sobrevivência das "novas regras! - nova carne!" pois, até lá, parece fora de perigo o trono da homicida Courtney Love.

** extracto de "Proud to be a woman".*
*** Viúva de Kurt Cobain dos Nirvana.*

PA



Symbiose

Com dois álbuns de originais já editados, "Bizarra Locomotiva" e "First crime then live", os Bizarra são hoje os representantes nacionais da tendência Cyber Sampler Rock - vulgarmente identificada com os Young Gods ou com a sonoridade mais antiga dos Ministry e não raras vezes conotada, primariamente, com as linhas Metálicas.

Desta vez, encarnando 5 versões e o próprio original "Fear now"*, o CDsingle serve de poiso criativo às divagações das dicotómicas influências de Armando Teixeira, Lassigue Bendthaus, Alex FM e dos soberbos Swamp Terrorists. Sem que esta nova era "Fixed" possa considerar-se estranha ao movimento (basta recordar o que tem acontecido com os Nine Inch Nails de Trent Reznor), Rui Sidónio e Armando Teixeira vêem o seu original exposto a verdadeiras mutações, com "Cracked contrition" dos Swamp Terrorists a merecer carácter de obrigatoriedade e "Aliased" de Lassigue Bendthaus a ficar alguns furos acima das restantes.

Com mais esta edição os Bizarra Locomotiva, por um lado, mostram que o projecto não parece estar a ser preterido em favor dos Da Weasel ou dos Boris Ex-Machina (as outras duas bandas de A. Teixeira) e por outro, que os limites criativos da escola dos Nine Inch Nails, The Insult That Made A Man Out Of Mac ou mesmo dos Nerve, continuam com um digno representante nacional... "sem medo"!...

** Tema incluído no segundo álbum "First crime then live".*

PA



Poko Records

Quando os conheci, em 94*, "cheiravam" a Sonic Youth, Pixies ou Stone Roses. Dois anos volvidos, "cheiram" a Sonic Youth, Pixies ou Stone Roses - há quem chame evolução a este tipo de "impasse técnico"?!?...

Naturais de Helsínquia e ligados à Poko Records, em "Oddjob"**, os "Sick" permanecem no espectro do bom gosto - mostrando mesmo ser a melhor banda Finlandesa do momento, já que tanto os Sub-Urban Tribe como os Waltari viram os últimos "Purity" e "Big Bang" em queda vertiginosa.

Sob capa de uns "Breeders masculinos", e acumulando igualmente referências da Pop Indie Britânica***, os Sick Things International demonstram quão forte pode ser a conjugação do Rock com algumas tendências mais Experimentalistas. Apesar de longe de se poder considerar um álbum inovador, "Oddjob" lembra linhas deixadas (em aberto) por bandas como os Spacemen 3 ou Stone Roses (veja-se o caso de "Fatburner" e "Visit").

Não fosse a obsessão anglo-saxónica do New Musical Express e do Melody Maker, e há muito os "Sick" poderiam ter atingido outro "patamar". Mas como não são nem Ingleses nem Americanos...

** Primeiro CD "Crank".*
*** Segundo álbum de originais (se não contarmos com o EP "Buzz").*
**** Sem que se tenham deixado "limar" de forma cócózinha.*

PA



Sounds of Delight

Lembram-se dos primórdios dos Sisters of Mercy, dos Fields of Nephilim, dos próprios Mission?!?. Lembram-se do tempo dos óculos à Eldricht, dos cabelos compridos, das cruzes (quase sempre) pagãs e da cor preta como palavra de ordem?!?. Pois é, já lá vão 10 ou 15 anos. Hoje tudo é diferente, as bandas góticas já soam a Sisters of Mercy, a Fields of Nephilim ou a Mission. Vestem preto, usam cruzes pagãs, óculos à Eldricht e às vezes têm o cabelo comprido. As voltas que o mundo dá...!?!

Subsidiária da alemã KM-Musik a Sounds of Delight, separou-se da casa mãe para agrupar todas as suas bandas da linha gótica. Com duas faixas, para cada uma das seis princípais bandas da editora, a compilação "Sounds of Delight", numa audição menos atenta, passa mesmo por um álbum convencional, de uma só banda, tal é a homogeneidade conseguida.

O registo conta com a apresentação dos "rookies", com registos já anunciados, Remembrance e Different Tendencies e, dos "consagrados": Head on Fire (com uma coversong e uma remix de "Nostalgia"), Cream 8 (com dois originais), Dreadful Shadows (com uma pianoversion de "Paradize" e um original) e From Laughter To Tears (com dois originais).

A verdade é que "Sounds of Delight" não traz nada de novo mas cumpre, escrupulosamente, a sua obrigação...enaltecer a memória dos "velhinhos"!...

PA



Fremdheit

No início dos anos noventa, com Mouse dos Psychic TV e Owens dos Primordia, Ian Read decidiu partir para um projecto só seu. Para trás ficavam colaborações com Douglas P. e David Tibet, por exemplo, no mais polémico e político álbum dos Death In June "Brown Book" e no verdadeiro "Mein Kempf" Crowlianista "Swastikas for Goddy"* dos Current 93, e a criação, com Tony Wakeford, dos Sol Invictus. Mas também Read não resistiu muito tempo ao "mau feitio" de Wakeford**, por isso era a altura de nascerem os Fire + Ice.

No início, em "Gilded by the sun", a sonoridade pouco se distanciava dos Death In June, mas com o tempo, o Odinismo levou os Fire + Ice a outros caminhos e "Rûna"*** mais não é do que o mais expectável desses caminhos. Medieval e mais próxima dos Mother Destruction / Sixth Comm., a sonoridade dos Fire + Ice deixa, hoje, Ian Read com a possibilidade de reclamar um espaço próprio dentro da World Serpent*'. O problema é que, sem que deixe de ser altamente recomendável, "Rûna" não deixa de transparecer uma sensação de "traição" no caminho escolhido por tão ilustre "discípulo".

** Também conhecido por "Swastikas for Noddy" - já que na primeira edição vinílica a lombada adoptava uma denominação e a capa outra. Na reedição, em CD, Tibet optou por Goddy.*
*** Já, anteriormente, Douglas P. não resistira muito tempo à sua companhia nos Death In June.*
**** O sexto álbum - a saber: "Gilded by the sun", "Blood on the snow", "Hollow Ways", "California daze", "Midwinter fires" e "Rûna". Ficando "pelo caminho" ainda a compilação "The pact flying in the face...".*
**' Distribuidora da maior parte das bandas da linha Crowlianista.*

PA



Touch

A Britânica Touch tem repartido a sua imagem entre Ambientais-Noises e Dançáveis. Mas se, na "primeira linha", não tenho descorado as carreiras de uns Hafler Trio, Etant Donnes, Panasonic, Behrens, Merzbow, entre outros, já o mesmo não tem acontecido com a tal "segunda linha". É precisamente daí que vêm os Sandoz.

A parceria Sandoz - Richard H. Kirk responsável pela composição e Jon Wozencroft por todo o trabalho de imagem - insere-se dentro da linha Ambiental-Dançável e "Dark Continent", por sua vez, acaba por ser um bom exemplo do perigoso marasmo a que os samplers nos podem levar.

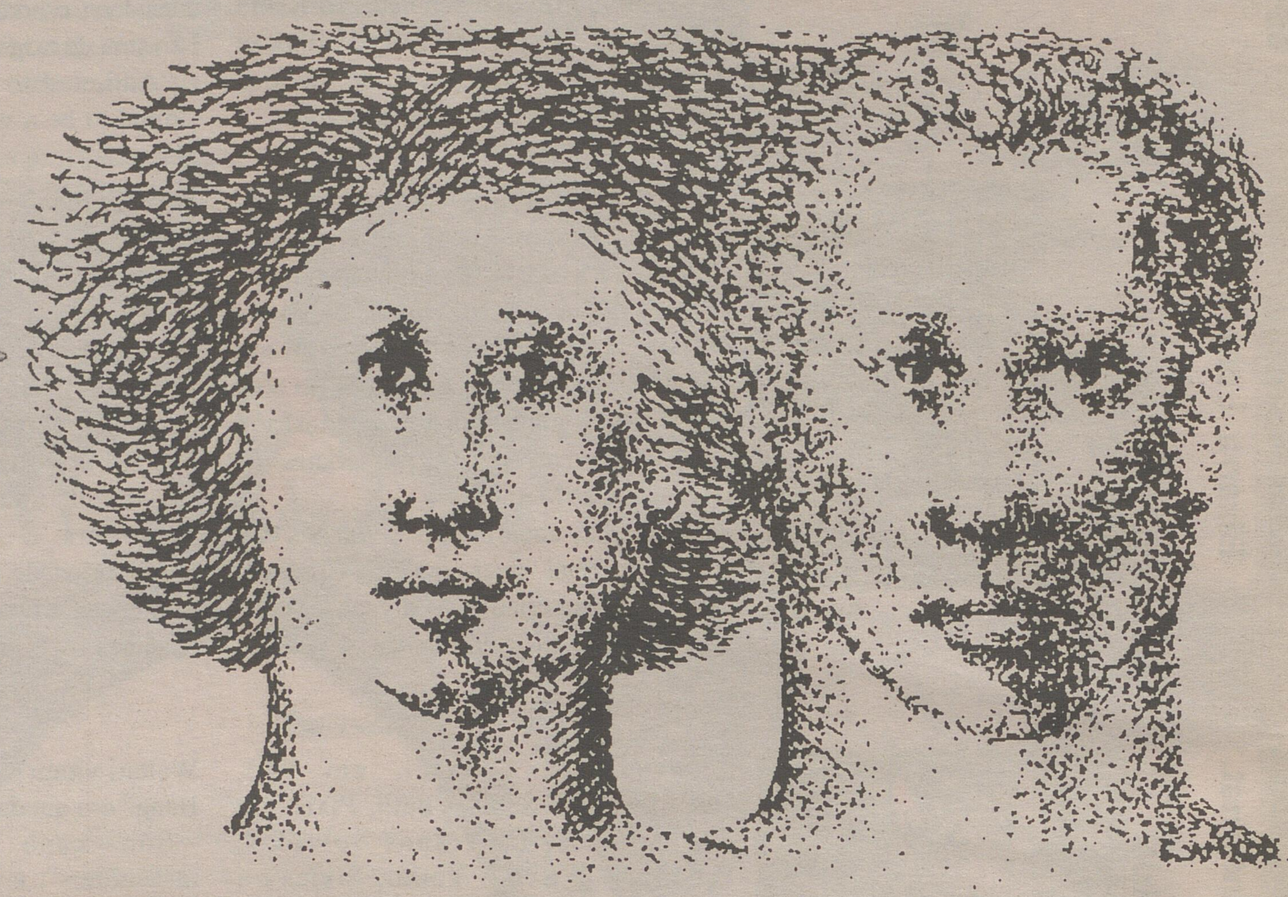
Não sendo um anti-sampler (nem sequer aceitando que os mesmos apenas sejam capazes de uma originalidade de segunda - vide o exemplo de uns Ministry, Sympathy Nervous ou Dreadful Shadows*), a verdade é que "Dark Continent" não se consegue libertar (nunca) da banalização e da falta de criatividade da sua House Ambiental - excepção feita ao soberbo trabalho de imagem de Jon Wozencroft.

É certo que o registo não deve ser visto segundo as exigências dos nossos dias (já que se trata de uma reposição do EP com o mesmo nome** datado de 1993), mas... para quem tem a ambição de criar a "Dance Music for the twenty-first century" é, realmente, pouco.

** E isto só para falar de algumas tendências.*
*** Agora com mais 4 originais.*

PA

Crise Académica de 62



dia do estudante

Foi lançado, este ano, o livro de Álvaro Garrido — "Movimento Estudantil e Crise do Estado Novo" — que é baseado na sua tese de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em finais de 94. Com chancela da editora coimbrã Minerva, está integrado na colecção Minerva História, coordenada por Luís Reis Torgal. O livro consiste numa tese original e bastante elaborada que dá uma ideia dos conflitos internos do movimento associativo e, mais importante, das relações conturbadas entre o Estado Novo e as associações académicas, com especial ênfase para o caso coimbrão e para a "crise de 62", talvez o primeiro momento em que os estudantes se insurgiram abertamente contra o regime.

Tal como é dito na introdução, "a lentidão do processo desenvolvimentista no seu todo e a prudência do Estado Novo [EN] em permitir a escolarização de massas retardaram a conversão da juventude numa categoria social, impedindo a progressão dos estudos a ela consagrados". Isto estende–se aos estudos sobre a Universidade de Coimbra e a sua academia que são frequentemente "de natureza elegíaca ou de fixação memorialística", desprovidos de validade científica.

O que não é o caso deste estudo bastante bem documentado e ao mesmo tempo simples de ler, sem ser maçador nem confuso. Para isso muito contribuiu a sua organização em cinco capítulos, os quatro primeiros contextualizando a época e o último falando especificamente da "crise académica de 62".

O primeiro capítulo é intitulado "Tensões internas e externas na curva descendente do regime". Nele encontramos referências a vários momentos que abalaram o EN como, por exemplo, a candidatura às presidenciais de 58 do General sem medo, Humberto Delgado, a fuga do Forte de Peniche de Álvaro Cunhal no início de 1960, a captura do paquete Santa Maria chefiada por Humberto Delgado e Henrique Galvão em Janeiro de 61, o golpe falhado do Ministro da Defesa, General Botelho Dinis, em Abril do mesmo ano e a perda das possessões indianas em meados de 61.

O capítulo seguinte -"o problema universitário português nas décadas de 30 e 40"- começa por falar no próprio conceito de universidade. À ideia de que a escola recompensa o indíviduo contrapõem–se as ideias defendidas principalmente por Pierre Bourdieu e J. C. Passeron que consideram a universidade como legitimadora de status, uma instituição conservadora que produz e reproduz as clivagens sociais.

Neste sentido, convinha ao EN incentivar um tipo de ensino conservador, de incorporação dos jovens estudantes no sistema fascista. O que foi feito por intermédio de decretos lei (em que se destaca o de 1935 que provocou a demissão compulsiva de professores considerados oposicionistas ou mesmo "livres pensadores") e da criação da Mocidade Portuguesa em 1936, uma organização para–militar que formava os jovens com base no velho chavão "Deus, Pátria, Família".

A tendência para controlar e regulamentar o ensino notou–se muito em Coimbra que ainda era vista como "a guardiã da cultura ocidental e cristã, nacionalista e corporativa e de onde haviam saído as principais figuras do regime - Salazar e Cerejeira."

Ainda assim, o movimento associativo conseguiu abrir algumas brechas no sistema, demarcando–se e incomodando o poder central. Isto principalmente no caso de Francisco Salgado Zenha, eleito presidente da AAC em Janeiro de 1945, e demitido em Abril do mesmo ano por a sua acção ter sido considerada "política".

O terceiro capítulo, que vem na continuação do anterior, refere–se às "tendências gerais do movimento associativo no declinar dos anos 50. Tendências que foram expancionistas apesar de todas as limitações legais e tentativas de estrangular os organismos que fossem de feição democrática. Nesta altura também ocorreu um debate sobre a legitimidade da participação dos estudantes na vida política, veiculada em Coimbra com vários artigos tendencialmente esquerdistas no antigo jornal da AAC "Via Latina".

A Direcção Geral (DG) da Associação Académica de Coimbra (AAC) de 1960/61 teve uma importância vital na expansão do movimento associativo, tal como é estudado no quarto capítulo. Anteriormente a maioria das DGs tinham sido pró–governamentais e fechadas sobre si mesmas com um pequeno número de colaboradores desligados da massa estudantil. O novo perfil da DG de 60/61 liderada por Carlos Candal levou a uma maior consciencialização da academia face aos constantes entraves a valores e direitos básicos como "o direito de convívio, a liberdade de reunião e o direito de auto–gestão das suas estruturas representativas". Como é referido no livro, a AAC encontrava–se bipolarizada ideologicamente (entre a direita conservadora e a esquerda progressista) e não só. A divisão era também acentuadamente sexual, como constatou A. J. Marinha dos Campos num polémico artigo publicado na "Via Latina" de Abril de 61 denominado "Carta a uma jovem portuguesa" em que afirmava: "A minha liberdade não é igual à tua. Separa–nos um muro, alto e espesso, que nem tu nem eu construímos. A nós rapazes, de viver no lado de cá, onde temos uma ordem social que em relação a vós nos favorece. Para vós, raparigas, o lado de lá desse muro; o mundo inquietante da sombra e da repressão mental". Isto para ilustrar o agrilhoamento social da mulher que se firmava numa educação sexista em que lhe eram dadas muito poucas oportunidades de chegar à universidade. Prática típica de um regime que cultivava a ignorância e os bons costumes e em que o destino servil da mulher estava praticamente traçado à nascença devido ao rígido código de costumes que então se seguia.

Curiosamente, um grupo de universitárias católicas emitiu vários comunicados de protesto, entre os quais "Resposta da jovem portuguesa" em que se indignavam com o arrojo da carta e se afirmavam ofendidas com o seu conteúdo.

Outra preocupação dos estudantes dessa época era o crescente "problema ultramarino" a que a DG reagiu com um cauteloso silêncio mas que já motivava diversos episódios, um dos quais cómico. Consta que na Latada de 61, entre vários cartazes humorísticos de tendência anti–salazarista, passeava–se um estudante negro com um letreiro cujo slogan era "Angola é nossa!".

O quinto capítulo é de longe o mais extenso de todos e refere–se aos acontecimentos que fizeram a "crise académica de 62". Tudo começou com a proibição ministerial do primeiro encontro nacional de estudantes que se realizou na mesma em Coimbra nos dias 9, 10 e 11 de Março apesar das tentativas da PIDE e da PSP para o tentar evitar. Esta desobediência (pela qual a DG viria a ser julgada) marca o início da agitação que se espalharia para Lisboa e Porto aquando da proibição das comemorações do Dia do Estudante que se efectuava a 24 de Março. Os estudantes da capital resolveram seguir os seus colegas de Coimbra e celebraram–no apesar de tudo. Contudo, a resposta do regime foi, desta vez, mais violenta, com a ocupação da cidade universitária pela polícia de choque e a prisão temporária de inúmeros estudantes.

Este recurso inesperado à violência provocou uma onda de protesto na academia coimbrã, que, dois dias depois, se reunia em Assembleia Magna decretando luto académico e greve às aulas. O Ministro da Educação prometeu a realização do Dia do Estudante dias depois, mas a 5 de Abril é de novo cancelado com a justificação de ser subversivo e de, tal como outras iniciativas recentes, pretender "aliciar estudantes para práticas ilegítimas e antinacionais."

A questão arrastou–se até inícios de Maio, altura em que o governo nomeou uma comissão administrativa, dissolvendo os corpos gerentes da AAC. Álvaro Garrido conclui que "a persistência e unidade estudantis reveladas em acções de protesto junto das autoridades governamentais - a polémica do Dia do Estudante seria mesmo

"Preces à Eternidade"

levantada nas reuniões do Conselho de Ministros de 3 e 17 de Abril de 1962, de acordo com o testemunho de Franco Nogueira - obrigaram o Poder a demonstrar o seu carácter repressivo, alargando assim o âmbito da população universitária hostil ao regime".

O que estava em causa era a autonomia universitária, uma visão sindicalista contra a tradicional defendida pelo reitor, Guilherme Braga da Cruz, que, ao contrário de Marcelo Caetano na Universidade de Lisboa, se colocou contra as revindicações estudantis. A decisão do Ministério da Educação Nacional [MEN] de suspender os corpos gerentes da AAC teve efeitos perversos.

Em Maio a cidade estava em polvorosa. Houve plenários concorridíssimos no campo de Santa Cruz. Decidiu–se a suspensão das actividades de todos os organismos autónomos e secções desportivas, o abandono do campeonato nacional de futebol, a aclamação da direcção suspensa como legítima representante da academia e a inédita decisão de não se realizar a Queima das Fitas. A 7 de Maio as instalações da AAC (então no Palácio dos Grilos) foram ocupadas por um pequeno grupo de estudantes que foi aumentando nos dias seguintes.

A situação desanuviou–se momentaneamente e a sede foi desocupada para logo ser reocupada em 19 de Maio face à intransigência do governo em ceder aos estudantes. Começaram então os tumultos ainda hoje recordados pelas gentes de Coimbra. A repressão consubstanciou–se em cargas policiais e várias prisões.

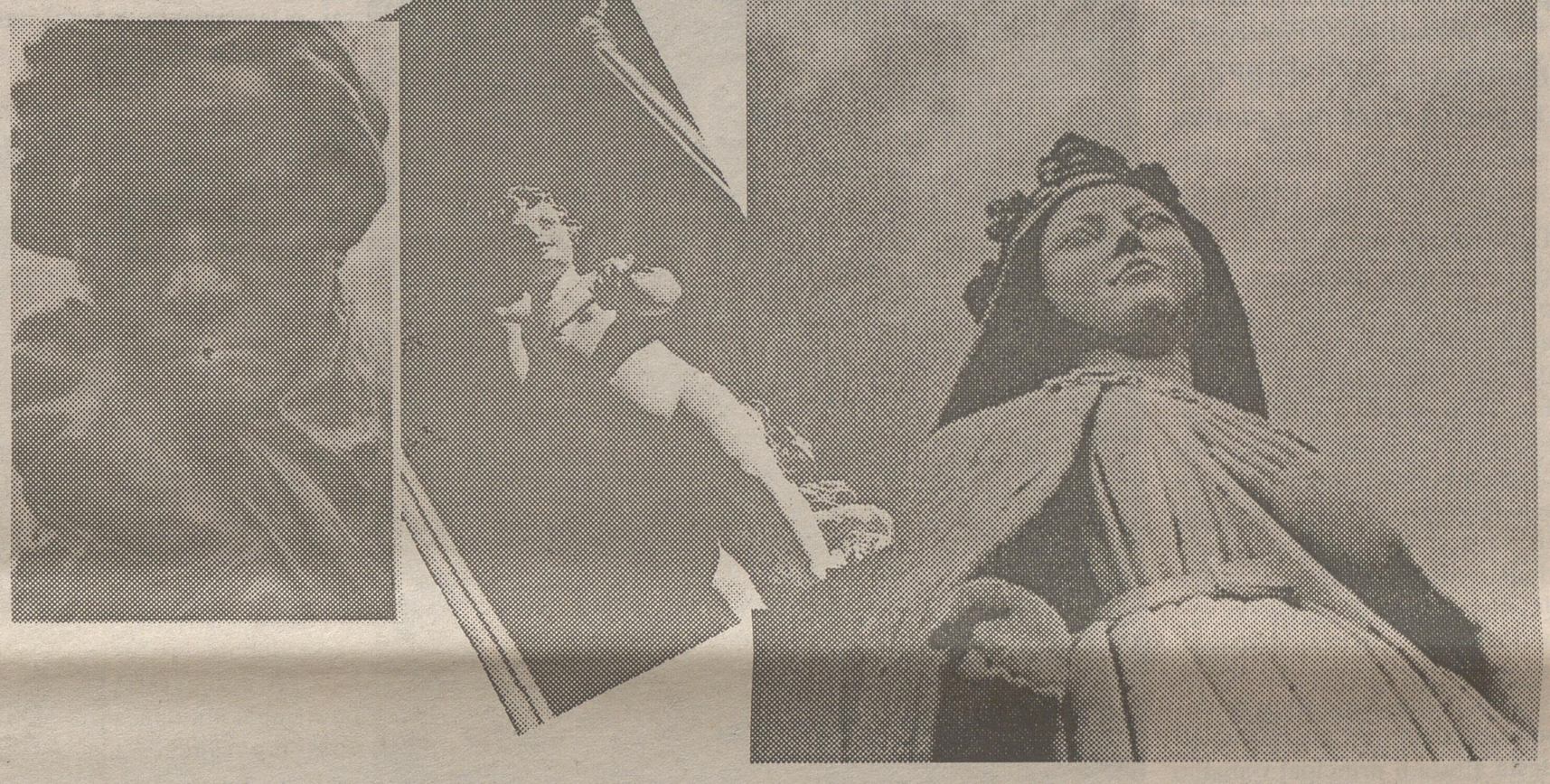
A AAC foi encerrada e os principais contestários punidos com sanções administrativas e disciplinares. O governo continuou a sua política de rígido controle e a AAC só veio a ser reaberta em Outubro de 63 (já na Rua Padre António Vieira) para ser de novo encerrada em Julho de 65, passando a ser dirigida por uma comissão administrativa nomeada pelo MEN. Essas comissões viriam a persistir até 1969, ano em que rebentou uma nova vaga de contestação.

Este foi o quadro da "crise de 62", obviamente explicada ao pormenor no livro de Álvaro Garrido. Livro que se complementa com uma pequena conclusão, vários documentos anexos e ainda uma dúzia de fotografias retratando momentos da crise.

Paulo Jorge Barbosa

"Preces à Eternidade" saiu às bancas no passado mês de Julho numa edição do autor, Paulo Abrantes, que conseguiu reunir num livro uma justa homenagem às estátuas de Coimbra. O escultor já tinha aprisionado o momento na pedra ou no bronze, deu–lhe vida, tornou-o quase eterno. O fotógrafo foi agora mais além ao conseguir reter, em imagens, expressões que outros nunca procuraram. Depois de observarmos as imagens captadas através da câmera de Paulo Abrantes, já não temos desculpa para não ver com outros olhos as estátuas dos nossos caminhos. E, ao passar, de certeza que nunca mais sentiremos indiferença.

"No dia em que uma estátua é acabada, começa, de certo modo, a sua vida. Fechou–se a primeira fase em que, pela mão do escultor, ela passou de bloco a forma humana; numa outra fase, ao correr dos séculos, irão alternar–se a adoração, a admiração, o amor, o desprezo ou a indiferença, em graus sucessivos de erosão e desgaste, até chegar, pouco a pouco, ao estado mineral informe a que o seu escultor a tinha arrancado."
Marguerite Yourcenar



"Coimbra: Palavras e Imagens"

Viste 50 vezes "O Clube dos Poetas Mortos" e na altura até tinhas um grupo de amigos parecido. Não viste o filme 50 vezes, mas sabes todas as deixas de cor, ou não sabes as deixas, mas... enfim, até escreves tudo o que te vai na alma para guardares depois nas gavetas lá de casa. Ou então gostas de fotografar! Chegaste a Coimbra, gastaste a mesada em revelações e não sabes o que lhes fazer! Há uma solução para o teu problema: pelo terceiro ano consecutivo, a Direcção–Geral da AAC está a promover um concurso literário, este ano também com a componente fotográfica, para promover jovens talentos nestas áreas.

A ideia de dar atenção aos jovens autores da Academia de Coimbra nasceu há três anos: a Direcção Geral divulgou o concurso e um contrato com a Coimbra Editora, que termina precisamente este ano, garantia a publicação gratuita de um livro todos os anos.

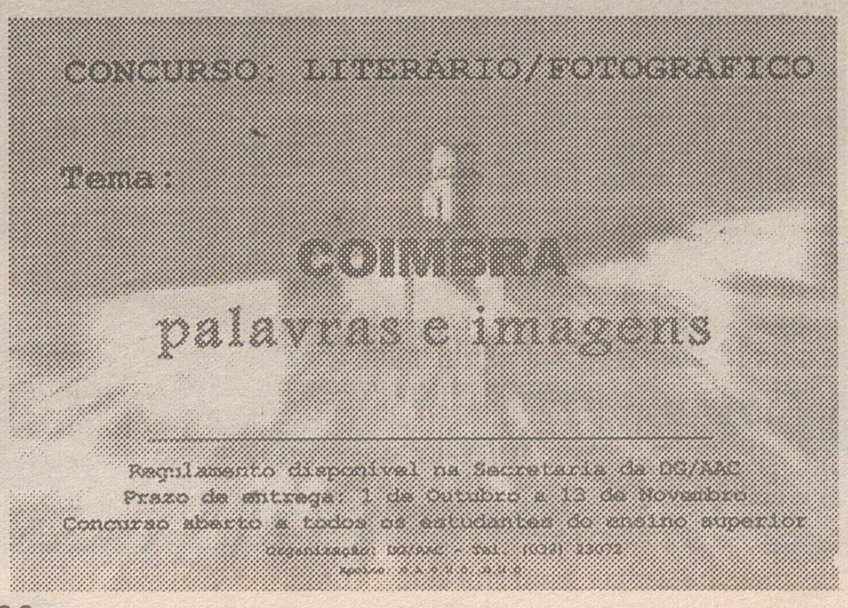
O primeiro livro, que incluiria textos, fotografia e banda desenhada, seria dedicado à Indiferença. Ainda não está à venda. Primeiro devido a problemas gráficos, e depois porque, segundo Joana Silva, do Pelouro da Cultura da DG, "o projecto passa de uma Direcção Geral para outra pelo que as pessoas novas têm de se ambientar a ele. Um ano é pouco tempo para se realizar uma coisa destas: para fazer um concurso, para escolher os textos e publicar um livro." Pensa–se que o livro sobre a Indiferença sairá de vez para as bancas no próximo mês de Novembro,

Além do livro, foi também lançado (e foi mesmo!) um CD, um projecto que não pôde repetir–se porque, segundo as organizadoras, um CD não se produz tão facilmente como um livro, tem encargos financeiros maiores e não é uma coisa que a DG possa fazer todos os anos, apesar da boa aceitação que teve aquando do seu lançamento: "cumpriu os seus objectivos, que era divulgar a música feita dentro do ambiente estudantil de Coimbra".

No ano passado a iniciativa repetiu–se e com mais sorte: o mote foi "Escritos de Inverno", o livro já está pronto e vai ser lançado dia 24 de Outubro no Dom Dinis.

O tema para o concurso deste ano é "Coimbra: Palavras e Imagens". Júlia Pereira, outra das responsáveis, espera "que as pessoas se entreguem tanto às fotografias como aos outros trabalhos e que se dediquem ao tema que é Coimbra, Coimbra na sua totalidade, em palavras e imagens, vista não apenas como uma cidade académica mas como uma cidade no seu todo". Para o ano, uma iniciativa destas dependerá da renovação do contrato com a Coimbra Editora.

Agora só te resta um pouco de atrevimento e entregar os teus trabalhos na secretaria da Direcção Geral da AAC! O regulamento do concurso só te exige que sejas estudantes do ensino superior. A fotografia é a preto e branco e os textos podem ser em prosa ou em poesia. O prazo do concurso termina a 13 de Novembro!



30 Anos de GEFAC

O Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC) é um organismo autónomo da A.A.C., essencialmente formado por estudantes, que tem como objectivo primário divulgar a cultura popular portuguesa nos seus diversos aspectos, nomeadamente dança, música, teatro, arquitectura e trajes típicos. "Porque a música popular não é uma deturpação da música erudita.", porque é ela que representa de forma mais correcta a maneira de ser e sentir deste povo à beira mar plantado.

Em 1965 existia na Tuna Universitária um grupo de danças e cantares populares. Dado o crescimento deste grupo, achou–se por bem separá–lo e dar–lhe uma identidade própria. Em 1966 nascia o GEFAC, cujos estatutos só seriam reconhecidos pela Reitoria em 1974, essencialmente devido à carga político–social de que se revestiam, nunca deixando o grupo de intervir quando o julgava necessário. Esta irreverência não era muito bem vista pelo antigo regime, o que não obstou ao desenvolvimento do organismo. É desta altura o principal trabalho de recolha efectuado pelo grupo. A desertificação do mundo rural tem conduzido ao estrangulamento da cultura popular, o que reduz em muito as possibilidades de pesquisa.

Ao longo destes trinta anos de carreira houve duas épocas que se distinguiram pela valorização que o seu trabalho teve, entre 1974 e 78, e no ano de 1983. No entanto, mantiveram uma actividade significativa mesmo nas épocas menos brilhantes, tendo levado a cultura portuguesa a locais tão longínquos como a Rússia.

Presentemente o GEFAC reproduz num espectáculo total as mais características formas de entretenimento das diversas regiões do país, desde as danças da Nazaré ao teatro Mirandês, passando pelos jogos tradicionais, tentando sempre integrá–las no contexto que as originou. Este espectáculo tem sido realizado em diversos pontos do país e do estrangeiro, cumprindo assim o principal objectivo deste grupo, a divulgação



Espectáculo do GEFAC

Bienalmente organiza as Jornadas de Cultura Popular, que tiveram no ano passado a sua VIII edição, dedicada a Michel Giacometti, autor da mais representativa recolha de cultura popular portuguesa. Este acontecimento, uma ideia surgida na comemoração do aniversário da criação do GEFAC em que todos os anos se juntam actuais e antigos elementos do organismo, alcançou já um lugar de destaque.

Uma exposição fotográfica elucidativa do trabalho levado a cabo pelo grupo - patente no foyer do TAGV até ao próximo dia 24, um ciclo de conversas, o lançamento de um disco (se houver dinheiro para isso) representativo do espectáculo actual do organismo e a realização de espectáculos com a participação de outros artistas populares, são algumas das actividades integradas nas comemorações do trigésimo aniversário, que se prolongarão pelo ano lectivo, ainda sem programa completo. Para já está marcada uma conversa/debate intitulada "A coreografia tradicional e a dança contemporânea", a realizar no próximo dia 24, no foyer do TAGV e que contará com a participação do Prof. Tomás Ribas, a única pessoa que fez recolha de danças populares em Portugal, e da coreógrafa Olga Roriz, entre outros.

O GEFAC procede actualmente à admissão de novos elementos. Portanto, se gostas da tradição, aproveita.

Manuel Pereira



ASA

O CISNE

Este romance marca o regresso de Sebastiano Vassalli, o autor de "A Quimera". Neste livro a trama centra–se à volta de um homicídio perpetrado por interesses económicos e políticos, um deputado com ligações à Mafia acusado de estar por trás do crime, três julgamentos que apaixonam a opinião pública e ocupam os cabeçalhos dos jornais. Um livro que aborda o fenómeno da Mafia siciliana, com Vassalli sempre à procura da identidade nacional italiana.

OLHARES SOBRE A HISTÓRIA

Livro importante para estudantes e interessados pela temática historiográfica, escrito pelo homem que, juntamente com Marc Bloch e Fernand Braudel, foi responsável pela renovação da historiografia contemporânea. Neste conjunto de textos, o fundador da Escola dos Annales analisa, através de casos concretos, a relação entre os historiadores da história e os historiadores da literatura, da filosofia, da arte e das ciências.

DIDÁCTICA DAS CIÊNCIAS ACELERAÇÃO COGNITIVA — TEORIA E PRÁTICA

"Esta obra teve por base o trabalho sobre Aceleração Cognitiva de Shayer e Adey que verificaram o insuficiente desenvolvimento que a escola dá às capacidades cognitivas dos alunos. Nesta perspectiva, propõem–se actividades a partir de um tema unificador, 'As Grutas', que podem ser abordadas nos programas de Ciências do 7º ano, de Físico–Químicas do 8º ano e ainda no secundário em disciplinas da componente técnica.

As propostas podem ainda ser utilizadas nas aulas de apoio pedagógico acrescido e no espaço da Área–Escola."

FERRO–VELHO

Anthony Burgess tornou–se célebre com "A laranja mecânica", depois espantosamente versada pelo filme homónimo de Stanley Kubrik. "Ferro–Velho" é mais um retrato cáustico desta civilização de fim de século que parece afundar–se num apocalipse mole, vendendo em saldo, antes da falência total, os últimos restos dos seus valores, das suas esperanças, dos seus mitos. É todo o século que desfila perante nós, num romance de flagrante actualidade daquele que é unanimemente considerado como um dos maiores autores ingleses contemporâneos.

Teatro Académico em Novembro

Para os amantes das artes, aqui ficam registados os eventos a realizar no TAGV nas próximas semanas.

O Teatro Académico Gil Vicente (TAGV) mantém a programação eclética a que nos tem habituado, apresentando espectáculos de música, dança e cinema.

Nos dias 23 e 24 de Outubro, regressa a Coimbra o bailado "Propriedade Privada" de Olga Roriz, para dois espectáculos. "Propriedade Privada" recebeu o aplauso da crítica, sendo descrito como um espectáculo enérgico, conotado com o universo do cinema e da televisão. "Não tive como ponto de partida um filme ou realizador específicos" — diz a coreógrafa. "Parti antes das sensações e memórias mais fortes que tenho do cinema, interessou–me a realidade que o cinema recria, e que muitas vezes tomamos como se fosse a própria realidade, sendo que o real passa a ser fictício e que o que é fictício no cinema passa a ser real."

No dia 25 representa–se "Rhinoceros" de Eugéne Ionesco, uma peça interpretada pelo Théâtre de la Fronde", companhia francesa que se apresenta em noite única. Esta peça parte de uma situação absurda — a transformação dos homens em rinocerontes — explorando as surpresas e os constrangimentos dessa metamorfose na vida da população.

O cinema regressa no dia seguinte com o início de um ciclo que se prolonga até dia 2 de Novembro dedicado a Iosseliani. Este cineasta georgiano nasceu em Tiblissi no ano de 1934, tendo terminado os seus estudos em Moscovo, onde recebeu o diploma de realizador em Abril de 1961. Os seus filmes são, muitas vezes, sátiras à burocracia e ao funcionalismo, facto pelo qual alguns estiveram interditos na URSS, por serem considerados pouco edificantes. Este realizador acreditava que o amor é destruído pelo facto de o ser se tornar escravo das coisas, já que a rotina arruina os sentimentos. Por isso, ele dizia que a qualidade de vida está " em se sentar ao redor de uma mesa, dizer coisas agradáveis, beber champagne juntos". Para ele isso era a cultura, porque "se amamos as pessoas enriquecêmo–las". Os seus filmes são marcados por uma "pequena música, sedutora e gentil, mas também por uma gravidade profunda.". O ciclo consta de três filmes: A Caça das Borboletas (dias 26, 27 e 28), "E fez–se luz" (dias 29 e 30) e Pastoral (dias 30, 31, 1 e 2).

Para o dia 5 de Novembro está previsto um espectáculo integrado na Festa das Latas. Nos dias 7 e 8 far-se-á a representação de "O Fim ou Tende Misericórdia de Nós" de Jorge Silva Melo. Esta peça é baseada numa história escabrosa ocorrida na Sicília em 1993 que nos faz lembrar algumas que mais recentemente ocorreram em Portugal. Mateus, que cumpre o serviço militar numa vila do interior, viola e matà Sandra, um rapariga de 16 anos que vagamente namora o seu colega de tropa, Santos. Desfaz–se do cadáver, queimando-o e atirando-o para um riacho tumultuoso no que é ajudado por Santos. Quando, dias mais tarde, é preso, confessa tudo. Transferido para uma cadeia onde aguarda julgamento enforca–se sem deixar uma palavra acerca dos seus actos. O que fascina Jorge Silva Melo neste tipo de "fait divers" é o facto de neles ver "a opacidade do real, a sua falta de sentido, o terrível silêncio de Deus".

No dia 9 comemoram–se os 50 anos do MUDJ (Movimento da Unidade Democrática Juvenil). No dia 12 a música de Timor vai chegar ao TAGV às 21h45. Nos dias 13 e 14 de Novembro dar-se-á o regresso do teatro em força na mais pura acepção da palavra. Isto porque entra em cena a explosiva peça "Mauser" de Heiner Müller, representada pelo Teatro Experimental do Porto. Esta peça foca três personagens revolucionários, dois denominados por Müller como "coro" e o terceiro como "vítima". Este falhou numa missão revolucionária que consistiu em matar os inimigos da revolução sem se deter em considerações humanistas. Falhada esta missão, a vítima tem de morrer, porque representa a fraqueza do inimigo. A peça é embalada pelos Einstunzende Neubauten, Sepultura e Laibach, criando um ambiente de concerto hardcore. Paulo Castro, o encenador, nota que o teatro de Müller assume a tensão quotidiana para provocar catarses no espectador.



O festival de tunas universitárias realizar–se-á nos dias 22 e 23 e o professor Deniz Jacinto será homenageado no dia 30. O programa completo do TAGV para o mês de Novembro pode ser consultado na página 23 deste jornal.

Paulo Jorge Barbosa

Cartões de Visita... com "Amores"

A Escola da Noite mudou-se. Foi viver para o Pátio da Inquisição e preparou três cartões de visita para que a cidade, e não só, conheça o seu novo espaço: "Amores", "Beckett" e "Noites Brancas".

"Amores", o primeiro espectáculo, abriu oficialmente a nova casa, depois de alguns problemas, ou não fosse esta a produção número 13 da Escola da Noite. A Companhia pegou em dois textos que Garcia Lorca escreveu para teatros de fantoches e que contam a mesma história. Seleccionou os excertos. Depois foi só misturar, agitar e surgiu "Amores": as venturas e desventuras de D. Cristóbal, Rosita, o pai desta e Cocoliche. Um triângulo amoroso onde o pai, a precisar de dinheiro, vende, por cem paus, a menina Rosita, de apenas dezasseis anos, a D. Cristóbal, médico beberrão, fanfarrão, possuidor de um terrível cassete só por si responsável por muitas mortes de várias nacionalidades. Rosita, iludida, pensa que o noivo escolhido é Cocoliche, o seu namorado de sempre. No fim, descobre-se tudo, e entram em cena os armários, elementos importantissimos na história, mas... o melhor é mesmo ir ver! Depois... depois é esperar pelos outros dois cartões de visita, pois lá para o mês que vem a Companhia vai voltar a dar notícias.

A encenação desta peça é de António Augusto Barros, a cenografia cabe a João Mendes e os figurinos são de Ana Rosa Assunção.

São os "Amores" da Escola da Noite no Pátio da Inquisição, às 21.45, todos os dias excepto Domingos, até 26 de Outubro.

RS

Encontros no Sul

A 16ª edição dos Encontros de Fotografia de Coimbra começa já a 9 para terminar a 24 de Novembro. Este ano os Encontros voaram para o Sul, as Ilhas Adjacentes e o Mundo outrora colonizado pelos Portugueses. Foram estes os motes dados a fotógrafos já consagrados nacional e internacionalmente pela crítica. Eles responderam. Fotografaram o Ribatejo, Lisboa e, mais abaixo, o "Sul" povoado de muitas lendas e poucas certezas. Ainda as Ilhas, os Açores e a Madeira, o além–mar. A exposição "Língua Franca" reunirá, por sua vez, fotografias do Oriente, de África e do Brasil. Termina assim o empenho dos Encontros em fotografar o Portugal deste fim de século.

Teremos a oportunidade de ver de perto as mais notáveis exposições estrangeiras contemporâneas: vão ser–nos apresentados "grandes mestres da fotografia" como Luigi Ghirri, Pierre Verger e Joel–Peter Witkin. Também poderemos contar com obras actuais de fotógrafos africanos como Seydou Keita ou Shanta Rao, com trabalhos em que África é a reportagem, como os de Alfredo Jaar e Fazal Sheikh, ou ainda África como História contada por Lenhert & Landrok. Prossegue–se com mostras de fotografia portuguesa do séc. XIX e XX, este ano com a exposição de trabalhos de Joshua Benoliel, produzida pelo Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.



Encontros de Fotografia, Açores, 1996.
©Cristina Garcia Rodero

Além das exposições, os Encontros promovem ainda conferências, estágios, oficinas de trabalho e tudo o que tem contribuido, desde 1980, para transformar anualmente Coimbra na capital da fotografia.

RS

A Regra do Jogo

por

António Lérias

Chegou finalmente O DIA DA INDEPENDÊNCIA, para melhor aferirmos das preferências cinematográficas dos espectadores nortes–americanos, já que ID4 durante este verão divertiu–se a esmagar os recordes jurássicos dos dinossauros de Spielberg, pulverizando tudo o que era concorrência.

Não admira assim que blockbusters como ERASER ou MISSÃO IMPOSSÍVEL, contemporâneos deste compêndio de ficção–científica em versão actualizada, já tenham estreado por cá há várias semanas. Mas para além do mercado europeu, estes, e outros filmes, que apesar dos seus faustosos custos viram–se de um momento para o outro à sombra das monstruosas naves de ID4, depressa se encaminharam para o mercado video, tentando aí recuperar perdas, ou atingir lucros estimados.

É, assim, de cada vez maior importância, para a obtenção dos tão famigerados lucros, que os filmes rentabilizem ao máximo todas as suas potencialidades comerciais, valendo assim: não só outros mercados para além do americano; como o valor que esse filme consegue fazer na transposição para o video, tanto no aluguer, como (posteriormente) na venda directa; sem esquecer, é evidente, a venda dos direitos às televisões, sendo aí os cálculos por demais complicados, quer pelo facto de alguns deles terem sido feitos com o apoio dessas mesmas televisões, nomeadamente a maioria dos filmes portugueses, como pelo facto de outros serem feitos por companhias que detêm Networks.

Sendo por demais evidente que os tempos de CLEÓPATRA e de AS PORTAS DO CÉU vão longe, pois hoje em dia os filmes já não esgotam os seus lucros nas bilheteiras, pelo contrário, têm de esperar pelos resultados das vendas de cassetes para começar a ter uma noção mais correcta dos seus lucros ou prejuízos: basta relembrar o recente exemplo de WATERWORLD parcialmente ressucitado pelo mercado europeu e pelo video, passados alguns meses sobre as bilheteiras americanas o terem dado como morto e enterrado; ou então ver os ultimos resultados do Eurostat para constatar da subida alarmante da percentagem de leitores de vídeo que invade a(s) casa(s) europeia(s).

Separando desde já a produção nacional e omitindo a televisão, facilmente se chega à conclusão, que o mais lógico para os distribuidores nacionais, tendo em vista a rentabilização dos seus produtos, seja não só encadear a sua política de distribuição–exibição como articulá–la com uma sub–corrente promovida pelo video, retirando assim da máquina americana a sua lição mais preciosa.

Torna–se difícil portanto, a meu ver, compreender a política de certas distribuidoras/exibidoras, que em vez de rentabilizarem os seus produtos, apostam numa separação marcante destes dois degraus, acabando por promover produtos da concorrência. Não podendo o facto de as pessoas só quererem ver 'determinados' filmes constituir alibi, pois será contrariado por filmes como: CRASH que, apesar de se apresentar (e é-o) como um filme difícil, arrisca–se a ser uma grande surpresa em termos de box–office; SMOKE, um dos grandes filmes do ano e que tem sido o "ganha–pão" da Castello Lopes 'enquanto eles não vieram'; ou O CARTEIRO DE PABLO NERUDA que se encontra em exibição há um ano em Lisboa. Filmes que apesar (por causa) da sua qualidade, foram aparentemente feitos unicamente para um público muito restrito, mas que contrariando o livrinho que todos exibidores têm debaixo da cabeceira, acabaram por ter mais espectadores do que esperado.

Todo o mercado português é sintomático desta questão, mas Coimbra tornou–se provavelmente o caso mais dogmático, pois operando aí como exibidores (só) a Castello Lopes e a Atalanta é raro ver um filme destas empresas nas suas salas.

A Castello Lopes pelo facto dos seus lançamentos nacionais actuais serem mínimos, talvez pela concentração de esforços no lançamento de ID4, parece apostar de vez no seu papel de exibidor e no mercado de video, relegando para segundo (terceiro?) plano o seu papel de distribuidor, disvirtuando um processo que lhe poderia trazer mais lucros em todos os elos desta corrente. É inevitável perguntar como é que uma empresa que lança semanalmente tantos títulos para o mercado video, já não estreasse um filme no mercado cinematográfico há mais de um mês? Palavras leva–as o vento, quanto mais perguntas chatas...

Por seu lado, a Atalanta opta por não arredar pé da sua política de saltar por cima do aluguer, o que constitui a meu ver, e perante o segmento de mercado que detém (ou que poderia deter), uma boa leitura comercial, opção que apesar de tudo não tem consequência, quer pelo facto de muito dificilmente as pessoas comprarem filmes que não conseguem ver (seja nas salas de cinema, seja nas suas salas), quer pelo facto de haver uma péssima colocação dos seus produtos no mercado, nomeadamente nos videoclubes, lugar por excelência para a venda das cassetes.

Concluindo, estas empresas parecem desprezar o encadeamento que o mercado não só permite, como exige. Claro que esta opinião pode ser refutada como falsa pelo facto de existir na semana em que este artigo sai dois filmes da Castello Lopes a serem exibidos nas salas Castello Lopes, e um do catálogo Atalanta a ser exibido nas salas do Avenida, mas parece–me a mim, e o tempo tem-no demonstrado, que será uma situação meramente pontual, pois rapidamente voltaremos à torrente de filmes distribuídos pela Lusomundo, que depois terão o seu reflexo nos elevados resultados tanto do aluguer como da venda dos filmes da Edivídeo e Lusomundo.

Por fim queria agradecer a Deus por nos dar a possibilidade de optar por ver um mesmo filme com ou sem intervalos, não haja dúvida que o progresso chegou finalmente a Coimbra.



CARTAZES PUBLICITÁRIOS

Figueira da Foz 25 Anos de Festival

"Gosto muito de cá vir! É um Festival muito culto!", comentava o director de uma revista espanhola de cinema à chegada ao Casino da Figueira da Foz, no dia 5 de Setembro. Começava mais uma edição do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (FICFF), a vigésima quinta.

Vinte e cinco anos de um festival que resiste à crescente "americanização" da sétima arte são indiscutivelmente um marco a assinalar, ainda para mais numa cidade onde o cineclube só recentemente (re)iniciou a sua actividade. A longevidade deste Festival pode ter várias explicações: Em primeiro lugar, a cidade onde se realiza é o ideal para um certame deste tipo: pacata e cheia de esplanadas a convidar a uma conversa, parece feita de propósito para a espécie de Festival que o FICFF pretende ser, isto é, mais do que uma mostra, um verdadeiro ponto de encontro. Depois, para qualquer cinéfilo o Festival é um "paraíso": não é todos os dias que se pode entrar num cinema às três da tarde e estar ininterruptamente a ver películas até às duas da manhã, tendo um grande leque de escolha, e no fim ainda ir beber um copo com realizadores, actores e demais pessoas ligadas ao grande ecrã. Por último, temos o excelente ambiente "festivaleiro" que se cria todos os anos, já que o FICFF, como o seu director (José Vieira Marques) não se cansa de repetir, "também está nos cafés à volta do cinema".

A edição deste ano para além das películas a concurso contou com dois programas monográficos dedicados a Chantal Akerman e a Fernando Lopes. Foi uma excelente oportunidade para rever filmes como "Uma abelha na chuva", "Belarmino" ou "Crónica dos Bons Malandros". Aliás, um dos "pontos altos" do certame foi o colóquio com o realizador português, realizado no dia 7, e que contou também com a presença de Pedro Bandeira Freire (Director do "Quarteto") e com Manuel Costa Silva (Director de fotografia da maior parte dos filmes de F. Lopes). O colóquio acabou por ser uma espécie de "manifesto anti–Ten.-Cor. Luis Silva (Presidente da Lusomundo)" e com umas "bocas" pelo caminho ao José Fonseca e Costa, com F. Lopes exaltado, a insurgir–se contra o monopólio daquela empresa no campo da distribuição, com frases do estilo: "Eu não sou obrigado a gramar com a droga do cinema americano, porra!" e "Não tenho de ser obrigado a pedir para que passem o meus filmes!" Não fosse a pronta intervenção de José Vieira Marques e teríamos ali um debate histórico!...

Quanto ao concurso propriamente dito, os vencedores foram os filmes "Má Sina" de Saguenail (Portugal) na área da ficção, "Safari Champagne" de Georges Ungar (Canadá) nas imagens e documentos e, nas curtas metragens, "ex–aequo", "Vento" de Marcel Iványi (Hungria) e "O Leão e o Cordeiro" de Luc Beauchamp (Canadá). As placas de prata foram atribuídas a "Um dia, um dia, uma noite..." de Cosimo Milone (Itália), "A Lenda da Mãe Dao" de Vincent Monnikendam (Holanda) e "No centro da área" de Bruno Garbuglia e Roberto Ivan Orano (Itália). Saliente–se a qualidade da maioria dos filmes a concurso e o aumento significativo de público que se registou este ano e que se reflectiu na alteração do tipo de espectador, situando–se agora numa faixa etária mais elevada, como referiu o director do Festival.

25 FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA - FIGUEIRA DA FOZ

Um destaque especial vai para a estreia da película do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos da AAC, "Fugir", que, espera–se, seja o início de uma boa aproximação entre o FICFF e a nossa academia.

Uma série de actividades paralelas ajudaram ao enriquecimento do Festival, como a exposição fotográfica de Alex Erik Pfingsttag, "Encontros de Festival", e o lançamento dos livros "Cinema da Figueira da Foz" e "Festival de Cinema 25 Anos", mostrando que o cinema não se esgota nas salas de exibição.

Para o próximo ano as coisas já mexem. Prevê–se a homenagem a alguém ligado ao cinema francês e também um destaque especial para a cinematografia espanhola.Aguardemos...

César Marques

Diferentes Formas de Ver Cinema

Vá–se lá saber porquê, sempre gostei de americanos. Talvez seja essa a razão porque, para desespero de todos meus amigos da onda "intelectual", ando a espalhar que Independence Day é uma grande fita. Não sou propriamente um fã de filmes de porrada (desculpem–me o termo técnico) e muito menos daqueles filmes totalmente irrealistas em que um herói safa todos os bons derrotando os muitíssimo mais poderosos maus. Mas gosto do ID4! Tem piada, é bem feito, vive à custa de pormenores reais como Roswell ou um Presidente americano "nova geração" e põe toda a gente a gostar de toda a gente (desde que sejam humanos, é claro...). Claro que sei os riscos que corro em defender um filme que o próprio realizador considera um "filme de pipocas", mas afinal qual é o mal dos filmes de pipocas?... O que notei -e essa é a principal razão por que gosto do filme- é que as pessoas que estavam na sala do cinema vibravam com o filme: batiam palmas quando os "bons" ganhavam, tinham uma lágrima no canto do olho no discurso de Bill Pullman ou nos reencontros dos casais desavindos. E no fim, no fim toda a gente saiu da sala em sorrisos e contente. E as pessoas que tinham ido ir ver o filme não pareciam propriamente fãs de música pimba ou incultos da sétima arte.

Mas para mim o que é importante em qualquer filme é que tenha mensagem, que seja útil, que justifique as duas horas que perdi a vê–lo. E ID4 tem mensagem, a da reconciliação dos povos no caso de um inimigo externo, seja ele ET's, seja ele a degradação do ambiente, seja ele o que for. E foi essa mensagem de esperança que fez as pessoas saírem do cinema felizes. E também traz outras mensagens importantes, desde a demonstração do valor de marginalizados (como a personagem da Stripper ou do bebâdo) à ideia de que se pode e deve confiar em políticos (ideia levada ao exagero pelo piloto Bill Pullman).

E é exactamente pela ausência de mensagem que achei Crash uma m... Não vou tentar descobrir as disfunções psíquicas (e sobretudo as incapacidades sexuais) que levam Cronenberg a ter de exprimir aquilo. Aliás, não tenho nada a ver com isso e, por mim, ele está à vontade para fazer o que quiser, com quem quiser, como quiser e com o que quiser (isto se conseguir...). A única coisa que me chateia é ter gasto quinhentos paus e ficado duas horas mais velho inutilmente...

JLQ

Estrearam na semana passada dois dos maiores candidatos a "Filme do ano": INDEPENDENCE DAY vs. CRASH. Serão eles o Yin e Yang do cinema americano? Ou simplesmente duas peças da mesma máquina?! Bem, em termos de bilheteira a sorte parece sorrir a ambos, mas a verdade é que há realmente diferenças...

E a diferença fundamental ocorre, quanto a mim, não na tela, mas sim, offscreen, decorrendo da condição do espectador, ou seja da colocação do espectador enquanto objecto do filme.

Em ID4 a nossa condição de espectador é exterior, pois somos confrontados com um objecto milimetricamente construído para desencadear determinado conjunto de reacções emotivas, mas que trabalha essencialmente a nossa memória cinematográfica e a acepção que temos de determinado número de filmes, nomeadamente de ficção–científica e de acção. ID4 apresenta–se–me assim como um produto coado por determinados clichés e tiques, ao qual reagimos, é verdade, mas, não per si, mas sim por um desmantelamento de conceitos que foram apreendidos anteriormente, afastando–nos assim do contacto imediato com a matéria cinematográfica.

Por outro lado, em CRASH essa condição é interna, pois aprofundando a vertente voyerista mas isolando–nos com o objecto–filme, Cronenberg coloca–nos numa redoma juntamente com esse objecto, tornando irrelevante se há, ou não, algo que nos separa dele, reenviando–nos assim a sensação de que também nós somos observados. É desta relação dual observador/observado que advém alguma consternação, e naturalmente o repúdio que tem provocado em alguns espectadores, tanto mais que o contacto que temos com o filme é muito mais cru e directo do que estamos habituados, levados provavelmente pela padronização dum certo cinema, cinema esse do qual ID4 é um paradigma. Dessa ligação directa entre emissor e receptor conclui–se que a matéria cinematográfica vale em CRASH por si, não tendo necessidade de ser confrontada com qualquer outro registo para ocorrer, para nos ocorrer.

Concluindo, parece–me assim que o que afasta estes filmes não será tanto o plano estético, nem literário, havendo contudo aí divergências abismais, mas sim a maneira mais ou menos ambiciosa como os realizadores projectam o espectador como objecto final: quer seja radical, no caso de Cronenberg; quer seja segura, no caso de Emmerich.

António Lérias

por Alexandre Cartaxo

7 de Agosto de 1996

O Dia da Independência?

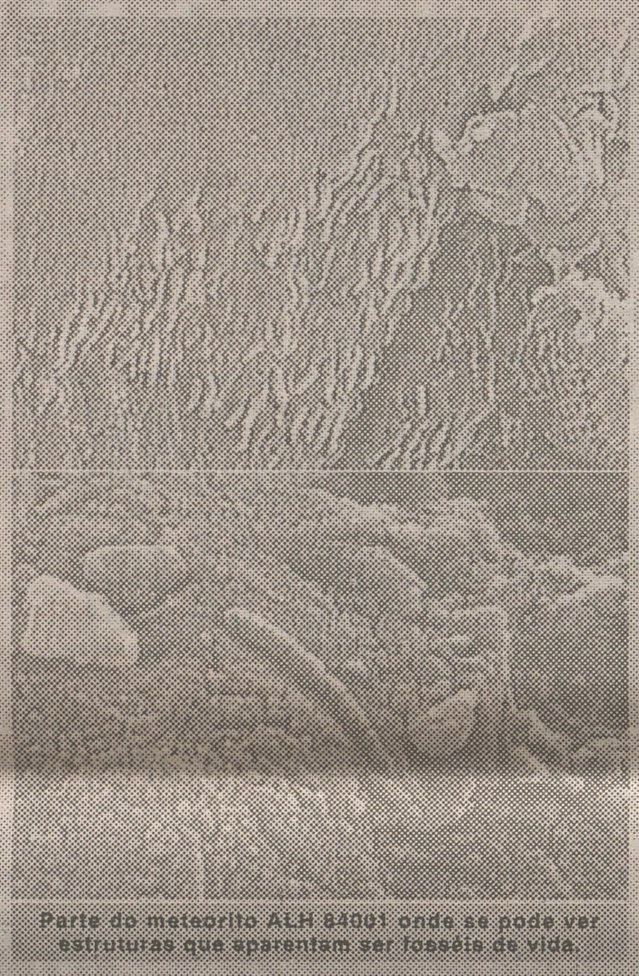
Em "O Dia da Independência" (http://www.id4.com), mais uma vez os nossos favoritos paladinos da justiça e do american way of life salvam o planeta Terra da invasão duma horda de ET's com propósitos nada pacíficos, a saber: a aniquilação da espécie Homo Sapiens e o depauperamento dos nossos recursos naturais. Claro que nesta estória os pobres dos ET's não são propriamente a Miss Universo e têm mesmo aquele arzinho de quem anda a precisar de um face–lifting e de uma lipoaspiração nos locais mais propícios. A sua morfologia é pois bastante diferente, mas mesmo assim conseguem respirar oxigénio, e de vez em quando brindam o público com alguns passes de mágica que deixariam o David Copperfield roidinho de inveja - atente–se na inverosimilidade da cena em que a nave mãe decide passar perto da órbita da Lua e levantar poeira lunar (!), ao mesmo tempo que faz um ruído(!!) estrondoso à sua passagem. Em suma, quinhentos paus mal empregues...

A verdadeira invasão, no entanto, e a crer no artigo publicado pela revista Science no passado mês de Agosto por uma equipa de 10 cientistas da NASA e de algumas universidades norte–americanas e canadiana, terá ocorrido há 13 000 anos, vinda do planeta que mais tem fascinado o imaginário colectivo (recordam–se da dupla H.G. Wells & Orson Welles e o relato radiofónico de "A Guerra dos Mundos"?) desde que um certo senhor de seu nome Percival Lowell ficou obcecado com o que ele pensava ter visto pelo telescópio serem canais de água em Marte.

A 7 de Agosto, Daniel Goldin, director da NASA anuncia que essa mesma equipa tinha acabado de descobrir evidências de vida marciana, aqui, no nosso planeta. A data em que este anúncio foi feito não poderia deixar de se revestir de maior simbolismo, dado que há precisamente 20 anos a sonda Viking 2 tinha descido sobre a planície Utopia do solo marciano, com o intuito de investigar a possibilidade de vida no quarto calhau a contar do Sol. Na altura, os seus resultados foram inconclusivos.

Porém, e segundo o artigo citado, há uns parcos 4,5 mil milhões de anos um certo pedaço de rocha ter–se–ia cristalizado em Marte. Na mesma altura em que a vida aparecia na Terra, há cerca de 3,6 mil milhões de anos, Marte não tinha aquele aspecto árido e desolador de ora: era mais quente e havia mesmo água livre à sua superfície, ou perto dela, bem como uma atmosfera suficientemente densa para impedir que esta se evaporasse e escapasse à ténue gravidade do planeta. Então, por essa altura, ter–se–iam formado minerais carbónicos que se depositaram. Volvidos mais uma série de anos, há coisa de 15 milhões de anos, esse pedaço de rocha foi ejectado pelo impacto dum asteróide ou fragmento de um cometa. Deambulou então pelo Sistema Solar, orbitando o Sol, até que um belo dia resolveu "invadir" a Terra, há 13 000 anos, enquanto os pobres humanos da Idade da Pedra estavam atarefados em começar a desenvolver a Agricultura. Caiu como meteorito na Antárctica, e aí repousou até que em 1984 uma equipa de cientistas do JSC (Lyndon B. Johnson Space Center, NASA) o recolheu na região de Allan Hills.

Esse pedaço de meteorito, designado por ALH 84001, na altura não foi classificado como um meteorito proveniente de Marte, mas



Parte do meteorito ALH 84001 onde se pode ver estruturas que aparentam ser fósseis de vida.

sim da cintura de asteróides, provavelmente do asteróide Vesta. Só 10 anos mais tarde é que um cientista da Open University, Inglaterra, pediu ao JSC o meteorito para estudá–lo e constatou facilmente que não estávamos na presença de um meteorito qualquer...

Na realidade, dos cerca de 7500 meteoritos que caíram na Terra, apenas 12 deles são de Marte; desses 12, metade foram encontrados na Antárctica, não porque haja uma maior incidência de queda lá, mas tão simplesmente porque há uma maior probabilidade de serem encontrados devido ao deserto gélido que preserva as rochas por muito tempo. Mas, perguntará o leitor mais atento: como é que temos a certeza que esse pedaço de rocha veio, de facto, de Marte? É que a composição química e isotópica dos gases que lá estavam entranhados em pequenas bolsas eram idênticas à composição da atmosfera marciana, segundo dados que a Viking 2 transmitiu, há duas décadas.

Bom, mas a história rocambolesca doALH84001 não termina aqui. A equipa de Dave McKay estudou este meteorito usando diversas técnicas, algumas delas mesmo aperfeiçoadas para este estudo: primeiramente usaram microssonda laser para libertar as moléculas orgânicas do meteorito, seguida depois de espectrometria de massa para analisar os seus componentes. Descobriu–se então que alguns destes compostos eram PAH (hidrocarbonetos policíclicos aromáticos. Como exemplo temos o benzeno ou a naftalina. Este tipo de compostos orgânicos resultam da decomposição e fossilização de organismos vivos, bem como da combustão de alguns materiais) e carbonatos. Estes foram então estudados pelos métodos de TEM e SEM (microscopia electrónica de transmissão e de varrimento). Além do mais, podem ver–se nas imagens pequenas esferas de material carbonado que evocam uma origem biológica que nos recorda os fósseis de antigas bactérias da Terra, bem como o que parecem ser colónias de bactérias filiformes.

Os outros indícios de vida são outros compostos químicos complexos que foram encontrados nas proximidades dos tais glóbulos carbonados, entre eles encontram–se os já citados PAH e alguns cristais de óxido de ferro, magnetite e sulfato de ferro que podem ser os produtos de uma actividade biológica.

Contudo, há que ter prudência, pois os PAH não são, do ponto de vista isolado, provas cabais de vida (ou que tenha existido vida em Marte), dado que se podem formar tanto da degradação de organismos vivos como se podem encontrar em meios não biológicos. De facto, este tipo de compostos orgânicos já foi identificado noutras regiões do Sistema Solar e em meteoritos. Estes PAH que se encontraram no ALH84001 são, no mínimo, nada habituais. E, se temos de ser cautelosos (estamos a falar de supostos fósseis com o tamanho da ordem do centésimo milionésimo do milímetro - apenas cem vezes o tamanho de um átomo...), também é certo que o cenário de contaminação do meteorito por parte de material terrestre é altamente improvável, pois além da Antárctica ter um baixíssimo nível de contaminação por PAH, a sua concentração no ALH84001 é muito maior ao centro que à periferia...

Outra evidência muito importante é a idade dos glóbulos carbonados, que se cifrará na ordem dos 3,6 mil milhões de anos, o que é perfeitamente consistente com a existência de vida no planeta rubro, dado que, recordemos, na altura deveria haver condições para a vida deflagrar lá.

No entanto, há cientistas como William Schopf (famoso paleobiólogo conhecido pela descoberta dos mais antigos fósseis terrestres) que estão cépticos em relação a esta descoberta, fazendo notar que os PAH são frequentemente encontrados nos resíduos interestelares e interplanetários e "em nenhum desses casos foram alguma vez interpretados como sendo biológicos". Beda Hoffmann, do Museu de História Natural de Berna tem uma opinião semelhante: "É muito difícil", afirma, "detectar nas rochas terrestres as nanobactérias, quanto mais nos meteoritos".

A isto contrapõe a equipa de cientistas que levou a cabo este estudo: "Nenhuma das observações em si mesma é conclusiva no que diz respeito à existência de vida. Embora hajam explicações alternativas para cada um desses fenómenos tidos individualmente, quando os tomamos colectivamente (...) concluímos que são evidências duma vida primitiva em Marte."[1]

Se esta notícia tem despoletado o frenesim dos exobiologistas (os cientistas que estudam a vida no Universo), diga–se em abono da verdade que os políticos têm igualmente estado numa toda–viva. A NASA está a mediatizar (com a ajuda dum Clinton à caça de votos...) este acontecimento a uma escala global, devido aos planos de rigor orçamental por parte do congresso norte–americano, tanto mais que esta agência tem um programa espacial ambicioso para Marte, que se saldará por 6 missões nos próximos 3 anos, num total de 10 missões robotizadas até ao ano 2005. Nos próximos meses de Novembro e Dezembro serão lançadas, respectivamente, a Mars Pathfinder (cujo rover irá chegar ao solo marciano a 4 de Julho de 1997 - Independence Day, parte II ?) e a Mars Global Surveyor-1. Seguir–se–á a Mars 96 (missão franco–russa). Uma missão de recolha de amostras do solo de Marte será imprescindível para resolver duma vez por todas a questão da vida em Marte. Afigura–se mesmo possível, afirmam alguns cientistas, haver água líquida e temperaturas capazes de sustentar a vida a 2 km abaixo da superfície do planeta vermelho.

Segundo Frank Drake, presidente do SETI Institute (http://www.seti–institute.edu) e criador da famosa equação que tem o seu nome (ela estima o número de civilizações inteligentes tecnologicamente avançadas na nossa galáxia), "A descoberta de Marte confirma que a origem da vida é um processo fácil, e que ocorre nos planetas sempre que existam condições favoráveis para tal."

É também interessante notar que, estando na presença destes indícios, como não recordar o argumento da "tenacidade da vida"? Se, no nosso planeta, a vida tem conseguido proliferar e singrar em regiões tão inóspitas como as fontes quentes dos oceanos, as regiões imaculadas dos pólos e mesmo no coração das rochas, como não imaginar uma série de sistemas extra–solares como o nosso orbitando a miríade de cento e cinquenta mil milhões de estrelas que pululam na nossa galáxia, e onde a vida exista à escala global?

A confirmarem–se, a descoberta de McKay e da sua equipa não será a data de 4 de Julho que ficará para a memória das gerações vindouras, mas sim a de 7 de Agosto: o Dia da Independência do dogma de que estamos sós no Universo.

11 Search for Past Life on Mars: Possible Relic Biogenic Activity in Martian Meteorite ALH84001, David McKay et al., Science, 16 de Agosto de 1996

Para mais informações sobre este assunto, a refereência mais útil será o Center for Mars Exploration em http://barsoom.arc.nasa.gov/

Secção de Futebol

A Académica dos Estudantes

Quisemos conhecer a Secção de Futebol da Académica. Por isso acompanhamos os seus jogadores numa deslocação à Marmeleira, onde iriam efectuar um jogo a contar para a 1ª Divisão Distrital de Coimbra. O bom ambiente, o amor à camisola, a vontade de ganhar e, finalmente, a vitória, tudo ficou registado e é exposto neste RETRATOS:

Para os menos avisados, convém explicar que há duas equipas séniores de futebol que ostentam o nome Associação Académica de Coimbra. De facto, a gloriosa Académica de outros tempos, composta apenas de estudantes, primeira vencedora da Taça de Portugal e berço de nomes como Artur Jorge já não existe. Ou melhor, dividiu–se em duas:

Com a evolução do futebol em Portugal, os conimbricenses adeptos da Académica consideraram que uma AAC composta só de estudantes e dirigida por estudantes não se conseguiria manter por muito tempo nos escalões superiores do nosso futebol. Vai daí, criaram a AAC - Organismo Autónomo de Futebol, depois de algumas confusões que incluíram uma breve mudança de nome para Clube Académico de Coimbra. É, hoje em dia, um clube de futebol como os demais clubes de futebol que militam na Divisão de Honra: Tem jogadores estrangeiros, jogadores emprestados, a maioria não tem nada a haver com a Universidade de Coimbra. Tem dirigentes eleitos pelos sócios e joga em terrenos municipais. De ligação à Associação Académica tem apenas um protocolo que lhe permite usar o símbolo e nome da AAC e, em troca, os sócios estudantes pagam quotas mais baratas e a DG/AAC pode nomear um elemento para a direcção do clube.


A actual equipa da Académica

Para manter a tradição da antiga Académica surgiu a Secção de Futebol. Nesta Académica só jogam estudantes ou ex–estudantes, que não recebem quaisquer salários ou prémios de jogo. Os dirigentes são os próprios jogadores, eleitos entre os seus pares. Jogam em terrenos académicos, como o campo de Sta. Cruz ou em terrenos universitários, como o respectivo Estádio. Nesta Académica qualquer estudante se pode inscrever para tentar jogar, dependendo a sua aceitação ou não da sua vontade e qualidade do trabalho, exactamente como nas restantes Secções da casa. E consideram toda a comunidade universitária como sócios, permitindo a todos os estudantes e funcionários entrada livre nos jogos. Militam na 1ª Divisão Distrital e nunca, no seu historial "moderno", chegaram às Divisões Nacionais.

E a quem pertence o património da antiga Académica? Bem, Patrício Figueiredo, Presidente da Direcção da Secção de Futebol, lembra que a Taça de Portugal está em exposição no Museu Académico. Mas não há adepto da AAC–OAF que não considere aquela Taça como sua...

Continuando na questão da relação entre as duas Académicas, convém acrescentar que a OAF convidou a Secção de Futebol para funcionar como filial, convite que foi recusado. Aliás, à questão "vocês são adeptos da OAF?", Patrício respondeu com um encolher de ombros a raiar a mais completa indiferença.

Com uma média de idades à volta de 23 anos, a Secção de Futebol vive à custa da boa vontade dos seus sócios e dos seus amigos. Destaca–se a família Soares. Paulo, o filho, é defesa central titular da equipa. Laurentino, o pai, é o massagista, sempre pronto a entrar em campo para ajudar os jogadores da Académica. A mãe, a Sra.Milu, é a mais ferrenha e assídua adepta da equipa, além de ter sempre um "lanchinho" à espera dos seus meninos depois dos jogos. Falta ainda mencionar que a "Casa Milu" patrocina a equipa.

Os jogadores também treinam e esforçam–se nas partidas apenas por amor à camisola. Estão numa divisão em que os seus colegas recebem salários e prémios de jogo e em que os clubes já tem orçamentos acima do milhar de contos, mas na Secção de Futebol ninguém recebe dinheiro. Pelo contrário, há casos em que os próprios sócios têm de emprestar dinheiro ao clube, já que as inscrições de cada jogador na Associação de Futebol de Coimbra custam à volta de quinze contos.

Mas a Secção de Futebol tem o mesmo problema que todas as outras secções da AAC: Como os jogadores são estudantes, quando chega a época de exames a equipa vai abaixo. Começa–se a faltar aos treinos e já houve situações em que se teve que integrar nos jogadores de campo o guarda–redes suplente, devido a falta de jogadores. Para não falar na Queima, altura em que há "uma certa quebra". E, como recorda Patrício, "aqui ninguém é obrigado, tem é que se manter aquela mística da Secção: Se te inscreveste, tens de aparecer."

João L. Queirós

Marmeleirense 1 - Académica 2

Uma Aventura na Marmeleira

O jogo era no Estádio da Associação Cultural e Recreativa do Marmeleirense. É difícil descrever o estádio. Pode–se começar por explicar que não tem bancadas, que os balneários não chegam sequer para cinco pessoas se arranjarem ao mesmo tempo e que o campo de futebol deve ter sido feito para futebol de sete. Mas o mais espantoso é o piso do campo: Além de ser inclinado, é meio pelado, meio relvado. Só que não pela ordem do costume, ou seja, um campo relvado que pelo uso vai ganhando clareiras. O que se passava ali é que num campo que se queria pelado nasciam tufos de erva. Como estava a chover torrencialmente o efeito era interessantíssimo: A terra estava completamente empapada e era impossível mover uma bola nas zonas peladas. Na relva, o efeito era de um pantâno escorregadio, onde a bola planava sem que ninguém a conseguisse parar.

Felizmente, pouco antes do jogo, a chuva parou. O encontro era importante: O Marmeleirense ia em 2º ou 3º lugar no campeonato. A Académica ia em 5º, graças a duas vitórias seguidas de duas derrotas consecutivas. Joaquim Oliveira, o treinador da Académica, (não, não é o da Olivedesportos a quem o irmão garante que ainda hão–de erguer uma estátua) escolheu para a formação titular Eurélio na baliza, Carlos Pinheiro, Félix, Paulo Soares e Maranhão na defesa, Jaime, Ruca, Nuno e Patrício no meio–campo e Felipe e Beto no ataque, deixando João, Pedro Mendes, Mexia, Xana e Miranda no banco. Em termos tácticos, frente a uma defesa clássica de quatro elementos, surgia Ruca como trinco, tendo à sua frente Nuno a distribuir jogo, Jaime a fazer a ala direita e Patrício a fazer a ala esquerda. No ataque Beto funcionava como ponta–de–lança, com Felipe como 2º atacante, a entrar nas suas costas.

O jogo começou bem para a Académica, com Beto a falhar duas grandes oportunidades, uma delas graças a uma espectacular estirada dum defesa marmeleirense. Aliás, Beto revelar–se–ia um típico ponta–de–lança português até ser substituído, ou seja, falhava as oportunidades mais flagrantes. Ainda vai ser contratado pelo Benfica...

Mas a partir dos quinze minutos, o jogo tornou–se numa completa seca. A Académica não voltou a fazer um só remate. Os marmelos, por sua vez, desde o apito inicial que não faziam nada. Valiam as faltas duras dos da casa, que lhes iam valendo alguns amarelos e a inamizade do árbitro. Para ajudar ao folclore, cada bola que ia fora tinha que ser substituída, já que o campo se encontra num alto e não tem vedações. Não dá para recordar quantas bolas, e de quantas cores diferentes, foram usadas. De realçar a atitude dos jogadores da Académica quando não gostavam da bola. Félix, por exemplo, mandou uma para longe com tanta força que ela ficou presa numa árvore a para aí vinte metros do solo. Como duvido que alguém a consiga ir buscar, suponho que ficará para sempre como uma recordação do dia em que a Académica visitou os marmeleirenses.

No intervalo, Oliveira lembrou aos seus jogadores que deviam atacar por os dois lados e não só pela esquerda, como tinham feito na primeira parte sem qualquer sucesso, pois desse lado tinham que atravessar o tal pantâno que já referi. Mas o lado direito tinha sido de facto a zona em que a Académica esteve em pior plano. À frente de um Carlos Pinheiro em bom nível aparecia Jaime, que parecia ter medo de receber a bola. Por isso mesmo, Oliveira tinha-o trocado de posição com Nuno. A direita passou de facto a funcionar melhor, mas em compensação o meio ficou sem ninguém para construir jogo, o que obrigou Ruca a subir no terreno. Apesar de tudo, a Académica demonstrava–se muito melhor que o Marmeleirense, pelo que Oliveira apostava nos primeiros quinze minutos da segunda parte para resolver o jogo. Enganou–se redondamente. Invés da Académica, foram os da casa que surgiram em bom plano e, depois de algumas ameaças, acabaram por marcar numa jogada rápida pela direita.


Jogadores da Académica a festejar o 1º golo

Talvez convenha fazer uma pausa aqui e explicar o ambiente que se vivia em campo: Havia há volta de 80 apoiantes dos Marmeleirenses contra uma adepta da Académica, de seu nome Sra. Milu. Ficou–se a perceber que o bom Marmeleirense é o Marmeleirense fanático. Nem nas Antas, mesmo junto da zona das vendedeiras da Ribeira, ouvi tantas considerações sobre a família do árbitro. E é um bocado diferente gritar insultos rodeado de quarenta mil espectadores, do que num sítio com noventa almas e a menos de dez metros do dito–cujo. O árbitro, por sua vez, não fazia por agradar ao público. Desde que o seu adjunto o avisou da presença dum delegado da Associação que começou a querer dar ar de duro e a cometer asneira atrás de asneira. Foras–de–jogo nem se fala. Eram às dúzias os inventados, mas pelo menos era para os dois lados. Mas o primeiro grande erro surge num penalty claro sobre Beto que só o juíz não viu. A Académica reagia bem à desvantagem, mas não conseguia impôr o seu jogo. Tudo muda por volta dos vinte–e–cinco minutos. Sai o desinspirado Jaime e entra em seu lugar Xana. A equipa ganhava um construtor de jogo. Xana ia atrás buscar a bola, colava-a ao pé, fintava quem queria e passava com inteligência. A questão é porque é que esteve no banco até tão tarde? Será apanágio dos Oliveiras esconder os melhores jogadores até ao fim? Mas quem iria mesmo mudar tudo seria Mexia, que entrava para o lugar de Patrício, o pulmão da equipa pela esquerda. Além de ser um bom jogador, Mexia tem a força de um halterofilista bielorusso e a personalidade vingativa de vinte Paulinhos Santos. Os jogadores do Marmeleirense parece que perdiam as suas já poucas noções tácticas e a Académica aparecia sempre a atacar em superioridade numérica. Tal deve–se sobretudo à extraordinária força de Ruca, que subia em campo e aparecia no ataque. Mesmo assim, Beto ia fazendo o favor de falhar golos feitos, pelo que o resultado não se alterava. E, finalmente, Oliveira decidiu–se a tirar Beto. Entrou Pedro Mendes para a esquerda e Mexia ficou como avançado. E a desorientação do Marmeleirense aumentou, com o número 2 a querer agredir Mexia. Por muita razão que pudesse ter, é o género de caso em que mais valia "levar e calar": É que Mexia não é para brincadeiras e, depois de ver o número 2 a tentar magoa–lo, vingou–se pura e simplesmente mandado–lhe tamanho biqueiro que o jogador do Marmeleirense não há–de voltar aos campos tão cedo. Valeu a Mexia que o árbitro não viu a sua agressão e até marcou falta contra os da casa. Mas quem viu a agressão foi o público, que prometia enforcar na mesma árvore o jogador da Académica e a equipe de arbitragem. Para cúmulo, deste livre surgiu o primeiro golo da Académica, num remate bem executado por Félix mas com culpas para o guarda–redes local.Com os jogadores do Marmeleirense e o árbitro totalmente desorientados, os restantes dez minutos do jogo foram da Académica. E naturalmente surgiu o segundo golo, com Mexia a fazer o corredor esquerdo e um esforçado e incansável Ruca a marcar na área. Era o fim de um jogo que a Académica mereceu ganhar, apesar de beneficiada pela arbitragem. Quanto ao árbitro, deve–lhe ter ficado na memória a marmeleirense de mais de 80 anos que o tentou agredir repetidamente com um guarda–chuva. Coisas destes jogos, que valem a pena ir ver.

Tás c'os copos ?

Episódio I - As Tascas

Em Coimbra, são muitos os espaços de convívio e animação. Além das discotecas, cafés e outros locais habituais, bares e tasquinhas típicas compõem um roteiro que prima pela abundância e diversidade de espaços e ambientes.

Ao longo de duas edições, e principalmente para os caloiros, A CABRA apresenta alguns desses espaços. Quanto aos ambientes, só mesmo lá indo... Aí fica um conselho: vale bem a pena, de quando em vez, deixar a rotina e mudar de poiso.

Neste número, tratamos das tascas.

Quando pensamos nas tascas da Academia, a primeira que nos ocorre é, quase invariavelmente, o **Pratas**. Ficamos a conhecer a Casa logo nos primeiros dias nesta Cidade, quando um doutor nos leva (quantas vezes de quatro) a entrar na tasca e a provar o tão famoso traçadinho. Entre guitarradas, copos e conversas animadas, contactamos com o mais puro Espírito Académico. É então que notamos que o **Pratas** é muito mais do que uma tasca - é um espaço onde a boa disposição impera e a convivência apetece. Alguns estudantes frequentam o **Pratas** assiduamente, outros só lá aparecem no início de cada ano e pouco mais, mas todos sentem e participam de uma mística que é difícil de exprimir.

O **Pratas** nem sempre se chamou assim. Foi com o nome de **Bar dos Direitos** que o estabelecimento abriu as portas, na década de 30. Em 62, o Sr. Prata e a D. Ana adquiriram a Casa, que desde então manteve o nome por que a conhecemos.

Outra coisa que o **Pratas** tem mantido é o ambiente académico que o caracteriza e destaca de outros locais. Para esse ambiente, muito contribuem as gravatas dos doutores rasgados, as declarações afixadas nas paredes, as assinaturas nas mesas. Nesta tasca, a tradição ainda é o que era...

Foram muitas as gerações de estudantes que por lá passaram e é com saudade que os veteranos recordam os seus tempos. Com orgulho e visível emoção, o Sr. Prata recorda que "muitos são os antigos universitários que aqui vêm, de vez em quando, matar saudades" .

Hoje em dia, são muitos os estudantes que vão ao **Pratas**. Aliás, é fácil constatar que são eles que constituem o grosso da clientela.

Recentemente, tem–se falado na demolição do **Pratas** (ver caixa) . O estabelecimento nem de longe está de boa saúde, com a humidade e as infiltrações a fazerem das suas, num prédio que, de si, já não é nada novo. Para já, contudo, a tasca vai—se mantendo.

Para os donos da Casa, "a parte comercial já nem é o mais importante" . Com os braços abertos, o Sr. Prata aponta uma mesa de doutores e caloiros em alegre cantoria e confessa: "é isto que me faz estar aqui" .

Outra das tascas da Alta com muitas tradições é o **Pinto**. O estabelecimento foi aberto ao público há mais de 50 anos, tendo sido adquirido pelo Sr. Pinto, seu actual proprietário, há 18.

Inicialmente, muitos eram os estudantes que diariamente tomavam ali as suas refeições, numa altura em que ainda não havia cantinas. O pessoal do Hospital Velho, quando este ainda estava em funcionamento, também por lá passava para almoçar, petiscar ou apenas conviver.

Há cerca de10 anos, os estudantes reencontraram este espaço e elegeram–no como um dos privilegiados locais de convívio. Hoje, porém, não é tanto para almoçar que os estudantes ali se dirigem - o **Pinto** passou a ser um local de convívio académico dos mais concorridos.

Ao longo de todo o ano os estudantes frequentam a Casa, embora a afluência seja claramente maior no início do ano, na Latada, e por alturas da Queima. O "Rally Paper" anual, organizado pela AAC, também tem passagem obrigatória por aqui.

Pela sua fama e localização, o **Pinto** e o **Pratas** são as tascas que recolhem a preferência dos universitários, sendo quase locais de culto da Academia.

Mas não é só na Alta que há tascas; aliás, é na Baixa da Cidade de que mais abundam esses espaços. Simplesmente, não são tão conhecidos da generalidade dos estudantes, com pena e saudade dos donos dessas tascas, e da população coimbrã em geral. É que nem sempre foi assim.



Estudantes no Pratas

Sr. Pinto no seu estabelecimento

Até há alguns anos, as tabernas típicas da Baixa eram muito frequentadas pelos estudantes. Depois, as coisas mudaram e actualmente são muito poucos os universitários que ali vão. Mesmo entre aqueles que moram na Baixa.

Com uma clientela diferente, as tascas da Baixa continuam, e "a estudantada é sempre bem–vinda - devia era vir cá mais vezes", segundo o dono de uma das tascas.

Próximo da Manutenção Militar, há uma das antigas tascas da Cidade, com mais de seis décadas de existência. É conhecida por "**Tasca do João Gaspar**", nome do seu proprietário de há 33 anos para cá. Mas também há quem lhe chame "**Bêbê Santana**" . Vinhos e petiscos são a especialidade da Casa. A clientela é composta maioritariamente por pessoas que vivem ou trabalham nas proximidades, mas também há estudantes que ali vão beber um copo entre dois dedos de conversa.

O **Romal** foi fundado há mais de 50 anos, e desde sempre funcionou no Lgo. do Romal, um recanto perto da Pça. Velha. Os comerciantes da zona fazem a clientela deste estabelecimento. A especialidade é o vinho da pipa.

Um cantinho da Travessa dos Gatos, perto do Lgº da Portagem, foi em tempos conhecido por "Pátio das Três Tascas" .

O **Jiló**, também chamado "**Casa Tica**", é uma delas. Foi fundada em 1932 e pertence ao Sr. Manuel Jesus Correia de há 9 anos para cá. A tasca serve vinhos, traçados e outras bebidas típicas, bem como refeições e petiscos. Os grelhados são os pratos mais pedidos. Esta é daquelas tascas da Baixa que são muito frequentadas pelos estudantes. O Sr. Manuel faz questão de frisar esse aspecto, enquanto mostra uma fotografia da Estudantina e refere que o "Rally–Paper" tem passado por lá nos últimos anos.

Outra das tascas do antigo Pátio é **O Baixinho**, que também já existe desde os anos 30. É propriedade do Sr. Eduardo Pinto e são sobretudo os moradores das proximidades que aí vão.

Havia ainda uma terceira tasca típica naquele local, assim se justificando o nome - "Pátio das Três Tascas" .

O **Moelas**, próximo da Sé Velha, caracteriza–se por dispor de um cardápio imenso - quase uma centena de bebidas! Além de servir almoços e jantares.

Na Rua das Rãs, há mais de 50 anos, existe a **Tasquinha do Roque**. O **Tapa**, na mesma rua, remontando aos anos 20, é possivelmente uma das tascas mais antigas da Cidade.

O **Zé Manel dos Ossos**, no Beco do Forno, é basicamente um restaurante, tendo uma lista onde se destacam as barriguinhas, a feijoada de javali e, claro, os ossos. Mas esta Casa também serve petiscos, fora das horas das refeições.

Na Rua Nova, O **Bem Vindo**, pertença do Sr. Leonardo Almeida, é frequentado por moradores e estudantes, sobretudo de noite.

Estas são apenas algumas das tascas de Coimbra. Cada uma à sua maneira, representam o que de mais típico e tradicional há na Cidade. Merecem, ao menos, uma visita.

Na próxima edição d'A Cabra, é a vez de tratarmos dos bares.

Justino Strecht

Pratas - O Fim à Vista?

O **Pratas** é uma referência da Academia de Coimbra. A praxe, a integração dos caloiros, o fado, o convívio, passam diariamente por aquela tasca da Alta.

De há uns tempos para cá, tem–se falado numa futura demolição do edifício, por causa das obras que estão previstas na zona do Pólo I.

O prédio onde o **Pratas** funciona pertence à Universidade. É muito antigo e está bastante degradado. As paredes estão danificadas pela humidade e pelo passar dos anos. No Inverno, chega mesmo a chover. O estado do prédio está mesmo a pedir obras de restauro. O proprietário daquela famosa tasca , o Sr. Prata, resume - "nestas condições, não se pode continuar" .

Portanto, mesmo que continue a funcionar no mesmo local, o prédio teria de ser melhorado.

Mas o que parece mais certo é que as obras vão mesmo para a frente, e a demolição é, por isso, muito provável. Só não há tantas cetrtezas é quanto à data.

Entretanto, o proprietário do estabelecimento já manifestou a sua pretensão em"ficar junto à Academia", depois das obras. Nesse sentido, indicou alguns locais - todos na Alta - para onde o seu estabelecimento poderia ser transferido.

O pagamento de uma indemnização seria outra solução possível. Mas é afastada pelo Sr. Prata, pois teria de ser muito elevada, em virtude dos trinta e tal anos de actividade e, mesmo assim, "seria preferível continuar a actividade" .

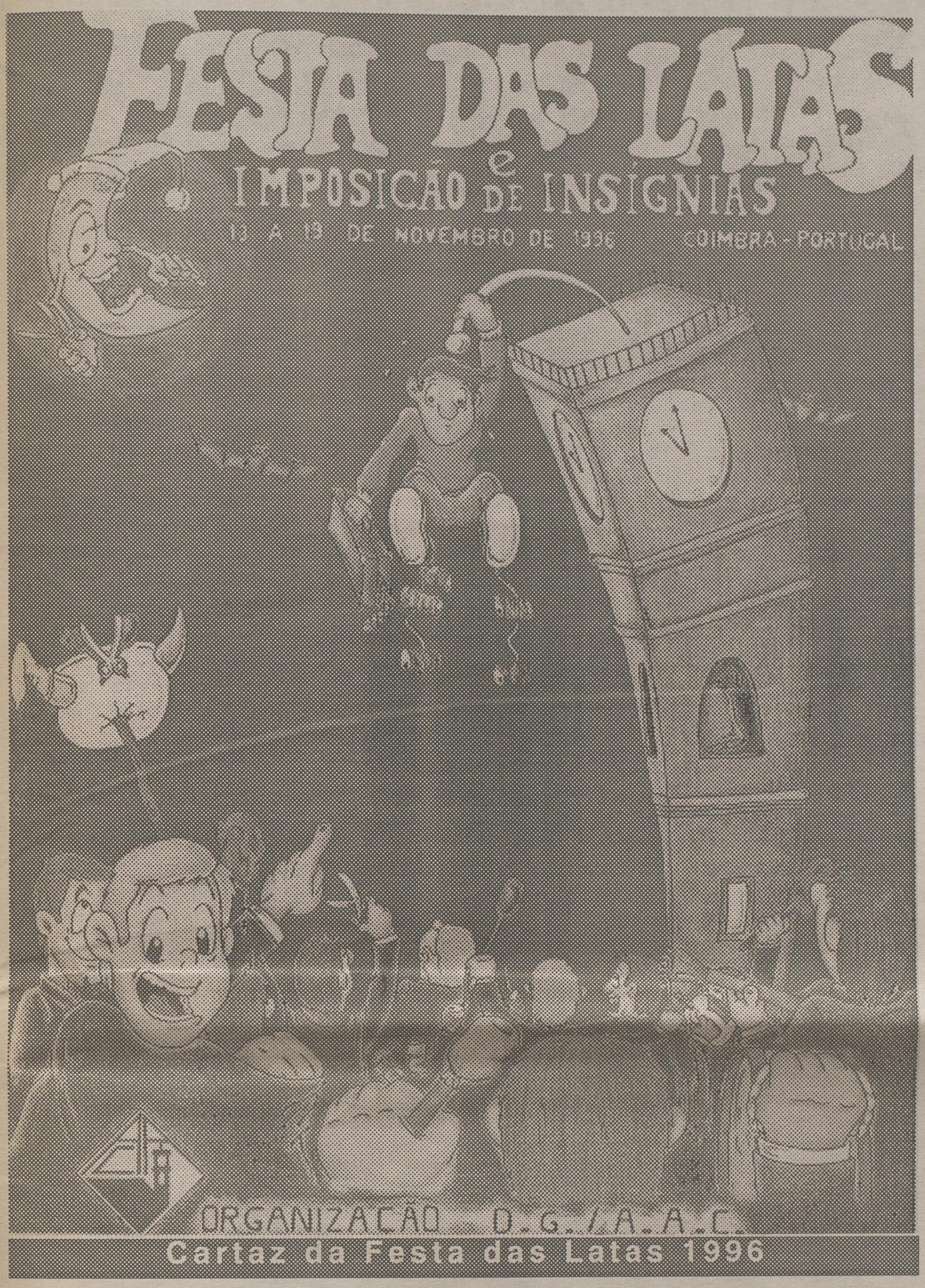
Há uns meses, alguns dos frequentadores mais assíduos do **Pratas** lançaram um abaixo–assinado, no qual se frisa a solidariedade com o Sr. Prata e a D. Ana, os proprietários do estabelecimento, bem como necessidade de manutenção daquele espaço.

Vai já em 1500 o número de assinaturas, o que atesta o apreço dos estudantes.

Mas o **Pratas** parece que vai mesmo acabar, pelo menos da forma que o conhecemos.

JSR

E como estamos de Latada?



Cartaz da Festa das Latas 1996

Desenganem–se aqueles que julgam poder esquivar–se à folia da Latada.

Uma semana inteirinha - de 13 a 19 de Novembro - está a ser preparada para que caloiros e "doutores" dêem asas ao mais louco espírito académico.

Do programa constam as habituais noites de Tunas, um Encontro de Folclore, o Sarau e a inevitável Serenata, sucedida de convívios nas cantinas. Para além de uma Mostra de Música Moderna, a organização da Semana das Latas promove também três noites de concertos cujo conteúdo ainda não foi adiantado, dada a não confirmação das bandas até à data. A realçar que o espaço escolhido para a realização dos concertos deste ano foi o Estado Universitário.

No que toca à animação durante o dia, todo um conjunto de provas físicas, culturais e "de fígado" (concretamente, um pedi–tascas) estão a ser preparadas de forma a seleccionar, de entre todos os estudantes que a elas aderirem, o mais "completo", a todos os níveis. Quanto ao desfile, proceder–se-á este ano à selecção do caloiro mais original.

Um tanto vago mas, para este número, foi tudo o que A CABRA conseguiu apurar. Aguardemos. Uma coisa é certa: a Semana das Latas promete.

Teatro Académico Gil Vicente

Programação para o mês de Novembro:

1- *Cinema:* **Pastoral**, de Iosselani - 18h00, 21h45
2- *Cinema:* **Pastoral**, de Iosselani - 18h00, 21h45
3- Aniversário AAC
7- *Teatro:* **O Fim ou ...**, de Jorge Melo - 21h45
8- *Teatro:* **O Fim ou ...**, de Jorge Melo - 21h45
9- *Cinema:* **As Irmãs**, de M. von Trotta - 18h00, 21h45
10- *Cinema:* **As Irmãs**, de M. von Trotta - 18h00, 21h45
11- *Cinema:* **As Irmãs**, de M. von Trotta - 18h00, 21h45
12- *Música:* **Timor** - 21h45
13- *Teatro:* **Mauser**, de Heiner Muller, pelo TEP - 21h45
14- *Teatro:* **Mauser**, de Heiner Muller, pelo TEP - 21h45
15- *Cinema:* **Van Gogh**, de Maurice Pialat - 18h00, 21h45
16- *Cinema:* **Van Gogh**, de Maurice Pialat - 18h00, 21h45
17- *Cinema:* **Van Gogh**, de Maurice Pialat - 18h00, 21h45
18- *Cinema:* **E A Vida Continua** - 18h00, 21h45
19- *Cinema:* **E A Vida Continua** - 18h00, 21h45
20- *Cinema:* **Através das Oliveira** - 18h00, 21h45
21- *Cinema:* **Através das Oliveira** - 18h00, 21h45
22- *Música:* **Festuna**, org. pela Secção de Fado - 21h45
23- *Música:* **Festuna**, org. pela Secção de Fado - 21h45
30- *Teatro:* **Gala Deniz Jacinto** - 21h45
31- *Teatro:* **Gala Deniz Jacinto** - 21h45

QUERES APRENDER TUDO SOBRE JORNALISMO?

Inscreve-te nos Cursos de Formação da Secção de Jornalismo no edifício da AAC!

Inscrições abertas até dia 4/10. Preço: 5000$00. Duração: 5 semanas

GAPPSIT

O Gabinete de Prevenção Primária da Sida e Toxicodepêndencia da DG/AAC lançou um concurso de fotografia de 13/10 a 6/11.

As fotografias deverão ser sugestivas das questões abordadas por este gabinete.
Os trabalhos seleccionados serão expostos em local a confirmar.
O Júri atribuirá três prémios:
-1º: Bilhete Geral da Latada
-2º: Bilhete para o Chá do Caloiro e uma das noites
-3º: Bilhete para o Chá do Caloiro

Participa!

Frase do Mês:

"Este é um discurso de quem quer fazer carreira política. E quem quer fazer carreira política sabe tudo."

Marçal Grilo, sobre o discurso de Zita Henriques.



Duo Arcese e Pelli

Por iniciativa do Instituto de Estudos Italianos e em colaboração com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o Instituto Italiano de Cultura em Portugal, terá lugar, no dia 24 de Outubro , pelas 21h30, no Teatro Paulo Quintela, um concerto de piano e violino pelo Duo Arcese e Pelli, que interpretam obras de Handel, Mozart, Beethoven e Bloch.

Luca Arcese, premiado em concursos para violino e música de câmara, realizou mais de 250 concertos nas mais importantes salas do mundo. Actualmente, é membro da Orquestra Sinfónica de Perugia e Primeiro Violino e Maestro de Concertos da Orquestra de Câmara "Symphonia Perusina" , que integra desde 1989.

Guiseppe Pelli, actual Vice–Presidente do A.G.I.M.U.S. de Perugia, Director Artístico da Associação dos Amigos da Música de Foligno e titular da cátedra de pianoforte do Conservatório de Música de Perugia, tem vindo também a realizar inúmeros concertos no estrangeiro.

Certamente uma oportunidade a não perder, até porque a entrada é livre.

Novo livro de António Vilhena

No dia 7 de Novembro vai ser lançado o novo de livro de poesia de António Vilhena. A obra intitula–se "Mais Felizes que o Sonho" e é uma edição da A Mar Arte distribuída pela Assírio e Alvim. O seu lançamento vai ser feito no Centro Cultural D. Dinis pelas 18h30m sendo apresentado pelo Professor Doutor José Carlos Seabra Pereira. O livro tem a introdução de Fernando Dacosta e prefácio de Dórdio Guimarães. A imagem da capa é da autoria de Susana Paiva.

Encontros com a Cultura Clássica

O Instituto de Estudos Clássicos vai promover um conjunto de encontros com escritores portugueses, poetas e ficcionistas, que mostrem convivência ou contacto com a Cultura Clássica. Esta iniciativa decorrerá durante vários meses. Para Novembro estão previstas duas sessões. A primeira vai ocorrer no dia 8 pelas 15 horas. Consistirá num encontro com José Augusto Seabra com apresentação de José Carlos Seabra Pereira. Haverá também leitura de poemas. A segunda sessão será feita com Manuel Alegre. Maria Helena da Rocha Pereira fará a apresentação.

Timorenses em Coimbra vibram com Prémio Nobel

"Foi um prémio de índole académica que resultou numa vitória política", esta a conclusão dos membros da Renetil–Coimbra em relação à atribuição do Prémio Nobel da Paz, uma notícia que os apanhou "adormecidos".

A atribuição do Nobel da Paz não foi, segundo o grupo da Renetil em Coimbra, uma decisão política mas sim uma decisão intelectual justa. Foi, mais que tudo, uma vitória política que vem dar uma nova força para o reconhecimento da causa timorense por parte dos países mais fortes política e militarmente. Esta decisão foi, ainda para a Renetil–Coimbra, o reconhecimento do sofrimento do Povo timorense.

Segundo António Ramos da Silva, timorense estudante em Coimbra, Ramos Horta e Ximenes Belo mereceram inteiramente o Prémio. "Ramos Horta defendeu sempre uma solução pacífica para o problema de Timor enquanto representante do Território na cena política internacional, mantendo sempre uma posição consistente. Já Ximenens Belo, como chefe da Igreja Católica no Território sempre defendeu a Paz , desempenhando o papel de protector dos timorenses. Em Defesa da posição pacífica do Bispo timorense esteve o facto de ter escrito uma carta ao Secretário Geral da Nações Unidas em Fevereiro de 1989, na altura Peres de Cuellar, pedindo um referendo no território sob o auspício da ONU. O Bispo é uma personalidade com uma grande influência na luta do povo maubére e o povo considera-o como o líder que conseguiu reunir todas as facções políticas timorenses em torno da mesma luta. Também o regime indonésio o considera como um líder com grande influência e com uma posição forte na luta timorense o que levou a que já várias vezes os militares de Suharto o tenham tentado assassinar." Considerações de António Ramos da Silva.

Ainda segundo o mesmo membro da Renetil, Xanana Gusmão, líder da Resistência timorense, não foi premiado pois um dos critérios para a atribuição do Nobel da Paz é que o premiado não seja militarista. "Para nós isso não interessa, o importante é o reconhecimento internacional da nossa luta", sublinhou ainda.

Sono interrompido pela notícia

Eram cerca de onze horas e o rádio da residência estava sintonizado na TSF. Já se preparavam para dormir (alguns já dormiam mesmo), quando a notícia os surpreendeu: Durante duas horas a Rádio fez a reportagem da atribuição do Prémio Nobel da Paz a Ximenes Belo e Ramos Horta. O sono passou nessa noite e a festa foi grande. Era o reconhecimento internacional de uma luta com mais de vinte anos e que tantas vidas tem custado ao Povo timorense. Embora a fé destes jovens fosse grande, espelhando a fé de um povo, ninguém esperava por este desfecho na atribuição do Nobel da Paz. A notícia caiu, assim, como uma bomba na Comunidade timorense em Coimbra.

O dia seguinte foi um dos mais movimentados na sua ainda curta estada em Coimbra: entrevistas à RUC e à Lusa, audiência na Direcção Geral da AAC, telefonemas durante todo o dia de jornais e rádios, almoço em conjunto dos timorenses em Coimbra e uma viagem a Lisboa para comemorar junto dos seus compatriotas e de portugueses amigos da Causa maubére em frente à Assembleia da República num convívio denominado Espaço por Timor. Um dia em cheio para a luta timorense que serviu de despertador de certas consciências adormecidas a nível mundial.

Ricardo Rocha Diniz



Ramos-Horta aquando da sua visita à Secção de Jornalismo da AAC

Opinião

Fim do Verão

Acabou o Verão. Chegam as primeiras chuvas, caiem as primeiras folhas e fogem os últimos dias de calor. As crianças vão aos hipermercados comprar os seus livros e demais material escolar e os pais torram os últimos tostões do subsídio de férias. Chegam ao fim as férias e com elas as paixões de Verão.

Neste Verão milhões de pessoas apaixonaram–se sem razão nem coração, como de resto acontece todos os anos. Como por exemplo no ano passado o então Engº António Guterres se havia perdido de amores pela Educação. Qualquer estudante sabe que não é fácil manter uma relação estável com a Educação pois esta é aquilo a que podemos chamar uma amante difícil...

Muitas vezes, no Verão seguinte, recaídas levam os apaixonados a sonhar novamente o amor desfeito mas até neste caso o nosso Engº, que entretanto se tornou Primeiro–ministro, fugiu à regra não padecendo este ano de nenhuma paixão de Verão que lhe seja conhecida, excepção feita talvez ao enlace temporário com o turismo de vuestros hermanos.

Com efeito, ao fim de um ano de governação, o nosso Primeiro não denotou qualquer lembrança de tão afirmada paixão, a saber:

1- Recusa–se a dizer ou fazer algo sobre o Financiamento do Ensino Superior em geral ou as propinas em particular.

2- Deixou o Ministro da Educação alterar as regras de acesso ao Ensino Superior a meio do ano lectivo com a agravante de anunciar as referidas em pequenas doses servidas com moderação e honras de facto político ao longo de semanas.

3- Resolveu mal e sem ponderação ou respeito pelos interessados os graves erros verificados nas provas.

4- Tudo fez para evitar a votação da Assembleia da República que tenta corrigir as injustiças criadas pelos erros no processo de acesso ao Ensino Superior.

Como se pode exigir a um estudante que faça uma prova com erros enormes, agravado ainda pelo nervosismo evidente de tão importante etapa da sua vida, obtendo uma boa classificação e mantendo a "cabeça fria" ? Paixões de Verão, quem as não teve !?

Rui Ferreira